

**ATA DA REUNIÃO GRUPO DE TRABALHO – CASO EVANDRO: APONTAMENTOS PARA O FUTURO – 22/09/2021**

No vigésimo segundo dia do mês de setembro de 2021, às 10h00, foi realizada a décima segunda **Reunião do GRUPO DE TRABALHO – CASO EVANDRO: APONTAMENTOS PARA O FUTURO**. Participaram da reunião, remota ou presencialmente: **Angela Christianne Lunedo de Mendonça**, Chefe do Departamento de Promoção e Defesa dos Direitos Fundamentais e Cidadania e do Departamento de Políticas para Criança e Adolescente da SEJUF, também na qualidade de Coordenadora do Grupo de Trabalho – Caso Evandro; **Dr. Olympio de Sá Sotto Maior Neto**, Procurador de Justiça, Coordenador do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público do Paraná; **Cláudio Marques Rolin e Silva**, Delegado responsável pelo Setor de Vulneráveis da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa; **Silvio Renato Fernandes Jardim**, Chefe do Departamento de Justiça; **Rogério Nicolau**, Advogado integrante da Comissão da Advocacia Criminal, da Ordem dos Advogados do Brasil Seção Paraná; **Bruna Saraiva**, Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente da Ordem dos Advogados do Brasil Seção Paraná; **Rafael Moura**, Promotor de Justiça e membro do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público do Paraná; **Regina Bley**, membro do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público do Paraná; **Bruno Muller Silva**, Defensor Público Coordenador do Núcleo Especializado da Infância e Juventude; **Arlete Kubota**, do Conselho de Supervisão dos Juízos da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná; **Marcel Jeronymo Lima Oliveira**, Vice-Presidente do Conselho Permanente de Direitos Humanos; **José Wilson Souza**, Presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente; **Dorival Braz Simões**, Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; **Carine Rossane Piassetta Xavier**, Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; **Maria Eduarda Fonseca**, Departamento de Justiça; **Carmen Lúcia Pereira da Silva**, **Ana Raggio**, **Ana Felícia Bodstein**, **Eloise Zanon Garcia** e **Ana Vitória Naumann**, do Apoio Técnico do GT; e os convidados **Celina Abagge**, **Beatriz Abagge**, **Davi dos Santos Soares**, **Osvaldo Marcineiro** e **Airton Bardelli**. **1. Abertura pela Coordenação:** Cumprimentando a todos os presentes, Angela Christianne Lunedo de Mendonça dá início à reunião. **2. Aprovação da ata do dia 15/09/2021:** Ata aprovada por unanimidade. **3. Relato espontâneo da convidada Celina Abagge:** **CELINA ABAGGE** relata: “Primeiramente, bom dia a todos os componentes da mesa, aos participantes e ouvintes. Eu gostaria de agradecer a sensibilidade do Dr. Ney Leprevost de organizar esse Grupo de Trabalho. E desejo que tenham êxito, para que no futuro não aconteça o que aconteceu no caso de Guaratuba, onde sete inocentes foram

barbaramente torturados, presos por preconceitos e erros judiciários. Quero agradecer também as pessoas que lá no início já nos ouviam e conseguiram ver que tudo não passava de uma farsa. Essas pessoas são Dra. Isabel Mendes Kugler, Vânia Mara Welte e Dr. Luiz Carlos de Oliveira. Já desde o princípio eles observaram que nós não tínhamos culpa e que tudo não passava de uma farsa, porque eles começaram a ler o processo e viram já no início, nos primeiros volumes, erros, então conseguiram ficar pesquisando, conversando com o povo de Guaratuba, indo e vindo para Guaratuba e viram que tudo não passava de uma farsa. A Vânia Mara Welte foi uma jornalista que quase que diariamente ela ia à Guaratuba fazer as pesquisas dela, e acabou que quando ela começou a defender, ela ainda foi perseguida, tanto ela como a Dra. Isabel e o Dr. Luiz Carlos de Oliveira, que ele investigava o caso Bossi, Leandro Bossi, também ele foi afastado do caso e depois perseguido. Então, eu gostaria que servisse de exemplo esse caso, para que não acontecessem novamente esses erros judiciários e essas injustiças. Desejo sucesso a esse Grupo. Desculpem, é que eu estou nervosa”.

**ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Fique tranquila, querida, a Senhora está entre amigos, por favor”. **CELINA ABAGGE** continua: “Eu vou falar um pouco do que nos aconteceu. Naquele dia em que nós fomos levadas ao Fórum, eu tenho certeza do horário. Os policiais, gângsteres, bandidos, invadiram nossa casa armados de metralhadoras e foram empurrando todo mundo. As crianças tinham acordado, os filhos da Beatriz, que eram gêmeos, tinham dois aninhos e pouco, nem a primeira alimentação, nem a mamadeira tinham tomado, nem tinham sido trocados quando os policiais entraram quebrando tudo na nossa casa, perguntando ‘Quem era Celina, quem era Celina’, ‘Sou eu, o que aconteceu?’, ‘Você está presa’, ‘Mas como presa, o que eu fiz?’, ‘Não interessa, não interessa, quem é a psicóloga, quem é a psicóloga?’. Daí a minha filha ‘Sou eu, Sheila, eu sou a psicóloga’, ‘Quem é a amante do Osvaldo?’. Daí a Beatriz falou ‘Espera aí, Osvaldo só eu que conheço aqui nessa casa, só eu que tenho amizade com ele, mas não sou amante dele não’, e os policiais foram empurrando. Meu marido tinha acabado de sair do quarto, ficou meio tonto e perguntando ‘Quem são vocês? O que aconteceu? Cadê o mandado? Como vocês entram na minha casa?’. E eles empurravam tudo. Meu marido foi pegar o telefone para avisar não sei quem e acabou que levou um empurrão dos policiais, eles foram agredindo meu marido também. Meu marido quase foi ao chão e eles quebravam tudo, empurravam cadeira, derrubavam enfeites das mesas, dos armários, as crianças chorando, um pavor. Nisso chega o Bardelli, que era funcionário e trabalhava ao lado da minha casa, que era onde era o escritório da serraria, e também ficou indignado. ‘O que está acontecendo?’, pegou as crianças e minha filha Beatriz disse ‘Bardelli, tire as crianças, pelo amor de Deus, tire as crianças’. A gente não sabia como agir. A agressão era tanta, o quebra-quebra era tanto; e aquelas armas, aqueles policiais gângsteres agredindo a todos, empurrando a todos, até que chegou o Dr. Silvio Bononi, que era advogado da Prefeitura, mas era advogado não criminalista. Depois do meu marido já

ter pedido o mandado e ninguém disse nada, o Dr. Silvio falou 'Como que vocês estão aqui? Cadê o mandado?'. Daí eles punham as mãos nos bolsos, procuravam, um perguntava para o outro. 'Está com você? Está com você? Está com você?'. Aquela cena deles de dizer que tinham mandado, mas não tinham nada, mas eles queriam nos levar dali e eles disseram que iam nos levar no Fórum. Então o Dr. Silvio Bononi disse 'Não, eu vou junto'. Então, eu resolvi que iria. Meu marido não queria deixar de maneira alguma por falta do mandado e pela brutalidade, pela agressão dos policiais; ele ficou com medo de nos deixar, e não ia junto porque tinha que tomar as providências, ligar para alguém para tomar conhecimento do que estava acontecendo, e eu resolvi que eu iria, para não ficar aquele tumulto na minha casa, com criança chorando, com todo mundo apavorado, então nos dirigimos ao Fórum. Dr. Silvio Bononi foi junto no carro descaracterizado da polícia; os policiais eram descaracterizados, também não usavam uniforme, alguns tinham colete preto e atrás dizia 'Polícia Federal', e nos dirigimos ao Fórum. A Beatriz e a Sheila foram junto, e o meu filho Aldo Júnior ficou com o meu marido para ficar resolvendo os problemas dentro de casa, e nós fomos ao Fórum. Eu fui tranquilamente para o Fórum, só muito assustada, mas fui tranquila, porque eu tinha certeza que, chegando ao Fórum, a gente ia encontrar com a meritíssima juíza, meritíssima Anésia Edith Kowalski. Ela nos conhecia, conhecia a família, pois ela frequentava a minha casa em tempos de festa, quando tinha alguma festividade a gente convidada, porque ela era uma pessoa sozinha, não tinha família, era juíza e meu marido, como Prefeito, convidava as autoridades, o padre, a juíza, o coletor para as festas. Ela conhecia minha vida, conhecia que eu trabalhava com crianças nas creches. E quantas vezes que eu levei as crianças maltratadas pelos pais, pelos padrastos que surravam... iam marcados para a escola, eu levava e ela nunca deu atenção, quem me atendia no Fórum nessas agressões contra as crianças era a Promotora Dra. Marcelise na época. E eu então fui tranquila, confiante que a Dra. Anésia iria dizer que era um engano, que quem teria que responder e ir preso seriam aqueles gângsteres, policiais, bandidos. Então, ficamos no Fórum, fomos conduzidas a uma sala de audiência. O Dr. Silvio Bononi e a Sheila ficaram de um lado da mesa de audiência e eu e a Beatriz ficamos mais próximas da porta, e na porta tinham policiais, e o Fórum estava cercado de policiais armados. O pessoal estava começando a chegar para o trabalho, não eram nem nove horas, porque eles invadiram minha casa antes das oito. Eu tenho certeza que foi antes das oito, porque Beatriz trabalhava e ela saía para o trabalho antes das oito, porque ela que abria o setor onde ela trabalhava, ela que tinha a chave que abria o setor, então ela saía antes das oito e ela não tinha saído ainda de casa. Então, de casa nós saímos antes das oito, chegamos ao Fórum, tinham umas duas pessoas e com o tempo foram chegando os funcionários e nós aguardando a meritíssima. Ficamos não sei por quanto tempo no Fórum e a meritíssima não apareceu. Quando a esposa do Prefeito e a filha do Prefeito são acusadas, ou a família do Prefeito é acusada de um crime bárbaro, a juíza não aparece? De repente, o policial

abriu a porta – porque estava fechada, eles estavam do lado de fora – abriram a porta e o policial, um deles, me puxou. Capitão Neves, o torturador, o chefe da tortura Capitão Neves, ele me puxou pelo braço e a Beatriz segurou no meu outro braço e veio junto, e eu com certeza achava que estavam me levando para a sala da meritíssima **(ÁUDIO INAUDÍVEL)**. Nós fomos para a sala para fora do Fórum, já tinha carro com o motor ligado e o Capitão Neves nos empurrou para dentro desse carro onde tinham três torturadores, bandidos, gângsteres, policiais, e que puseram eu e a Beatriz no banco de trás, e mais um policial e dois na frente. Esses três policiais ficaram gravados em minha mente, nem depois de morta acho que eu não vou esquecer a cara desses bandidos. Quando nós saímos do Fórum, eu percebi que na esquina do Fórum estava o indivíduo Diógenes Caetano dos Santos Filho, na esquina dando risada. Nós pegamos a Avenida Ponta Grossa, o motorista pegou a Avenida Ponta Grossa cantando pneu em alta velocidade rumo à estrada Guaratuba/Garuva. Ele corria desesperadamente naquele carro que eu achei que ia capotar de tanto que corria. Quando chegou em uma altura da estrada, onde tinha um posto de polícia, eles pararam, mostraram a identidade deles, uma carteira deles, não sei o que eles mostraram, e continuaram o caminho. Mais adiante um pouco desse posto eles pararam o carro, já tinha um outro carro na frente parado, nos tiraram do carro, a Beatriz passou para o outro carro e eu voltei para aquele carro. Quando entrei naquele carro que aqueles mesmos três policiais, no outro carro tinham três policiais também, mas eu não cheguei a ver o rosto deles, eu continuei no carro de onde nós saímos do Fórum. Quando eles me empurraram para dentro do carro, tinha uma arma no banco traseiro e eu pedi para os policiais – porque eles amarraram meu moletom na minha cabeça como se fosse uma venda e me empurraram para deitar no carro – e eu pedi ‘Pelo amor de Deus, tirem essa arma daqui, eu tenho medo que dispare e que vá atingir o motorista’. Aí eles rindo, rindo, me empurraram, eu não pude deitar a cabeça, mas tive que ficar meio deitada, com o corpo deitado, um policial do meu lado e outros dois na frente, e com medo que aquela arma disparasse, e eles no deboche disseram ‘Ah, quem sabe se você pega essa arma e tenta nos atingir e nós te metralhamos aqui na estrada mesmo’. Meu coração ficou disparado, não só pelas ameaças contra mim, porque eu queria saber onde que eles estavam nos levando e onde estaria minha filha, se iria junto no mesmo local. Então, sem mais pensar eu comecei a marcar o caminho da onde estavam me levando. As pessoas me perguntam ‘Como que naquele pavor você marcava o caminho?’. Sim, porque eu queria saber onde eu estava indo, porque na área rural de Guaratuba todos me conheciam, eu tinha esperança que se eu fosse parar em uma área rural, alguém iria me acudir, eu iria gritar por socorro, que minha filha e eu estávamos sendo agredidas e que eu teria um socorro. Fui marcando aquele caminho e pensando ‘Se passar por uma lombada e virar à direita, nós vamos para Cubatão, se tiver saibro batendo no carro, nós vamos chegar em Cubatão; se não tiver e pender mais para a esquerda, nós estamos indo para São João’ – São João era uma

fazenda em Garuva. E aquele carro corria, corria e ‘Se passar mais de uma lombada e virar à direita, nós vamos para Curitiba; e se virar a esquerda, nós vamos para Santa Catarina’. Eu fui marcando o caminho pela preocupação de onde eu estava sendo levada e para poder pedir socorro, na minha ingenuidade. Aquele carro foi até que virou para a direita, o saibro pulava embaixo do carro e pensei ‘Estamos indo para Cubatão, que bom, porque em Cubatão todo mundo me conhece’. Eu naquela esperança e chorando e pedindo ‘Pelo amor de Deus, soltem minha filha que eu falo o que vocês quiserem, o que vocês querem, soltem minha filha’, e eles rindo e fazendo brincadeiras dizendo ‘O maior caso, maior que o caso Collor, isso não contando com as promoções’, e riam, riam, riam e diziam palavras de baixo calão, típico mesmo desses cidadãos torturadores, bandidos. Chegando um ponto pensei: ‘Se tiver um rio, se tiver barulho de rio é confirmado que é Cubatão mesmo’, e eu escutei o barulho do rio, mas a ponte estava quebrada, não passava, não sei o que tinha acontecido, e disseram ‘Vamos passar por dentro da água’. E passaram por dentro da água, o carro passou por dentro da água e derrapou, e um desceu do carro e fazia sinal mais para a direita, mais para a esquerda. Vencendo o rio, continuaram. Levou uns quarenta e cinco minutos, quarenta, não sei, não posso calcular, é o que eu penso. Chegamos em um local onde eles pararam e começaram a gritar ‘Abra o portão, Neves, Neves’ e começaram a falar diversos nomes, apelidos naturalmente de outros policiais bandidos que estavam lá. Como ninguém atendeu, eles disseram ‘Arrebenta, arrebenta o cadeado’. Aí eu ouvi um barulho de pedra ou uma coisa quebrando e conseguiram abrir e disseram ‘Tira do carro, tira do carro’, daí mandaram eu sair do carro e puxaram, mas eu não conseguia ficar em pé, porque eu estava em uma posição que fiquei amortecida, e eles me arrancaram, me puxaram, eu caí no chão e quando eu caí, caiu o moleto da minha cabeça e eu fotografei a casa, fotografei a casa. Era uma casa de madeira, do lado tinha uma garagem, atrás da garagem tinham pés de bananeira com as folhas bem novas. Eu fotografei aquela casa. Eu não sei por que tudo isso aconteceu comigo, era um silêncio total ali. Eles amarraram novamente o moleto na minha cabeça e me puxaram e eu tive que subir os dois degraus, senti que eu pisava em um piso talvez de cerâmica ou cimento; e depois abriram uma porta, e quando eu pisei dentro dessa porta era um som de tábua, como se tivesse um porão dentro, meio que ele rangia e eu fui empurrada e levada. Quando eles me empurraram novamente, caiu o moleto novamente, eu vi que estava dentro do quarto, esse quarto também foi fotografado em minha mente, que até hoje eu não esqueço, e fui jogada em uma cama. Daí eles amarraram o meu tênis, amarraram um pé no outro e me deixaram jogada naquela cama, bateram a porta, mas eu estava amarrada, não sei se tinha ou não alguns policiais ali, e era um silêncio total. Dali uns minutos já comecei a ouvir barulho e gritaria de policial e gritos da minha filha e choro e grito e ‘Socorro, pelo amor de Deus, tirem a mão de mim’, e foi a tortura da minha filha”. **BEATRIZ ABAGGE** interrompe: “Mãe, acho que você não precisa contar a tortura por completo, porque eles têm o

dossiê da Dra. Isabel, dá para ler, você não precisa falar sobre isso”. **CELINA ABAGGE** continua: “Então, naquela casa não demorou muito tempo, depois eu ouvi todos os gritos da minha filha, eu ouvi grito de homem, choro e grito de homem e de repente eu ouvi uma voz que dizia ‘Dona Celina, pelo amor de Deus, fale o que eles querem, porque senão eles nos matam, eu não aguento mais’, e eu disse ‘Quem é você?’, e ele disse ‘Eu sou o Osvaldo’, eu disse ‘Mas o que eles querem que eu fale?’, ‘Fale o que eles querem, fale o que eles querem, fale que nós matamos o menino’ e eu disse ‘Mas nós não fizemos isso, não vou falar’, daí tiraram ele e continuou aquela tortura até que lá pelas tantas eles também me tiraram, o moletom caiu e não colocaram mais o moletom. Me levaram onde estava a Beatriz, onde ela estava, ela estava desmaiada, nua em uma cama, tinham duas camas nesse quarto e os detalhes não dá para contar. Nós passamos não sei quantas horas, depois eu ouvia barulho, som de música – deveria ser do carro deles, porque era um som bem alto – e aquele som se misturava com cheiro de comida, de fritura de peixe, quando de repente eu ouvi a voz de uma mulher. Eu comecei a prestar atenção e tenho a certeza absoluta que essa voz era da Dra. Anésia Edith Kowalski. Ainda tive esperança de que ali ela foi para nos salvar, para dizer que estava prendendo aquele pessoal, mas de repente tudo ficou em silêncio e continuou a tortura não sei por quanto tempo. Sei que lá pelas tantas entraram os policiais no quarto onde eu estava, amarraram de novo o moletom na minha cabeça, fizeram eu me ajoelhar no chão e eu escutava um barulho como se fosse de um disco, barulho de disco, e eles ditavam o que eu tinha que falar. ‘Diga que você matou o menino’, daí eu disse ‘Mas eu não matei’, daí eles me batiam, me davam soco, me davam tapa na orelha, soco no estômago. Isso antes eu passei por outras torturas que não foram como da Beatriz, mas eu fui violentada com um material contundente e eu tinha que falar tudo que eles queriam. ‘Diga que você matou a criancinha’, aí eu não queria, até que eu falava como eles queriam, daí eles ditavam novamente ‘Diga que você matou com a serra’, daí eu disse ‘Eu matei o menininho com a serra de pão’, aí apanhei de novo – não sabia o que eles queriam dizer com serra, depois que eu percebi que seria serra da serraria. Ali eu fiquei não sei quantas horas e falei tudo que eles queriam, repeti o que eles me mandavam, e passou o tempo, voltava os gritos da Beatriz, eu gritava, eles vinham, me batiam, ela parava de gritar e ficou aquela tortura não sei por quanto tempo, até que em certo momento eles abriram a porta – eu já estava com o moletom amarrado – me tiraram do quarto, desamarraram meu cadarço e me puxaram e me puseram dentro do carro. Eu sei bem o horário em que nós saímos dessa casa da tortura, que depois pela minha descrição para os meus advogados na penitenciária, eles ficaram sabendo que aquela casa pertencia a Diógenes Caetano dos Santos, pai do psicopata Diógenes Caetano dos Santos Filho. Eu sei bem o horário que nós saímos de lá, porque quando eles nos jogaram no carro novamente, um deles disse assim ‘Pé na tábua, porque são quase quatro horas, nós temos que estar lá quatro horas, pé na tábua que são quase quatro horas’. O Promotor

disse que nós assinamos qualquer coisa lá, o mandado no Fórum pela manhã. Não, ele está muito enganado, ele nem é desse tempo; esse Promotor nem é desse tempo, nem estava lá. Nós assinamos na volta. Quando nós chegamos lá, o Fórum aí sim estava cheio de pessoas do lado de fora. Eu fui arrastada, desmaiei e fui arrastada como um animal abatido até chegar quase dentro do Fórum, aí me colocaram de pé. Quando me colocaram de pé eu enxerguei já a Beatriz sentada em uma cadeira, o qual me puseram ao lado dela e já veio em seguida um homem com um papel na mão mandando que a gente assinasse. A Beatriz lia, a Beatriz logo assinou; e eu com os meus óculos, eu punha os óculos e não enxergava letra nenhuma, eu estava apavorada, eu estava descontrolada, eu não sabia o que estava acontecendo. E gritos fora do Fórum e aquele homem insistindo que eu assinasse aquele documento, aquele papel, insistindo, até que a Beatriz disse 'Mãe, assine', e eu disse 'Eu não vou assinar coisa nenhuma', e ela disse 'O que adianta? Não adianta mais nada. Mãe, assine, assine, não adianta mais nada'. Pela insistência dela eu sei lá, assinei, de certo assinei. Fomos tiradas dali, levadas ao *ferry boat* no mesmo carro descaracterizado, a Beatriz saiu em um carro e eu saí no outro. O *ferry boat* foi fechado, não entrava nenhum carro e eu já não estava mais vendada. Eu fiquei em um carro com três policiais e a Beatriz com outros três policiais. Não demorou muito, chegou o Dr. Acemar, que era o médico da cidade, perguntando como eu estava. Não sei como ele não pôde ver como eu estava, mas eu disse para ele 'Não quero que o Senhor me veja, quero que o Senhor atenda a Beatriz, veja como ela está, pelo amor de Deus, veja como ela está', e ele disse 'Não, vou te atender primeiro'. Daí ele tirou minha pressão, pôs a mão no meu braço e mandou eu pôr um comprimido embaixo da língua. Como ele era o médico, eu coloquei esse comprimido embaixo da língua, mas era muito amargo, eu senti muita ânsia. Aí eu vi que ele se dirigiu ao carro que estava quase ao lado do meu, mas pouco distante, e ficou atendendo a Beatriz. E ouvi ainda depois que ele foi embora os gritos da Beatriz. A Beatriz ainda gritava dentro do carro e eu queria ver, mas os policiais se punham na frente, até que eu pedi para o policial um pouco de água, porque aquele comprimido que eles tinham me dado era muito amargo, eu não estava conseguindo mais aguentar aquele gosto na minha boca, parecia que eu ia desmaiar. O policial me entregou uma latinha, parecia de refrigerante, e eu tomei aquele gole com toda ânsia, um gole bem grande. Quando eu engoli aquilo, aquilo fervia na minha boca, era um líquido marrento que espumava, que amarrava na minha boca. Ali não demorou até chegar o *ferry boat*, eu já estava meio tonta, mas eu achava que era o comprimido que o médico tinha me dado. Fomos encaminhadas para Matinhos. Chegando lá, nós fomos para a polícia de Matinhos, em um quarto onde tinham diversas camas, que deveriam ser dos policiais, e ficamos nós duas, uma do lado da outra, até que a Beatriz foi retirada dali. E eu achei que ela seria levada, sei lá, perante a Dra. Eu sempre na esperança da Dra. Anésia. E eu fiquei ali sozinha naquele quarto, quando veio o chefe da tortura, o torturador bandido Capitão Neves, na época era Capitão, depois ele foi

promovido logo em seguida. Como dito pelos policiais, que ‘haveria promoções’. O Capitão Neves pegou minha mão, punha para trás quase quebrando e dizia ‘Olha aqui, sua vagabunda’, com palavras de baixo calão, ‘Você repita tudo que foi combinado naquela casa, porque se você não disser tudo que foi combinado, azar é seu, porque sua filha está em minhas mãos, teu marido está em minhas mãos, teus netos estão em minhas mãos, vocês agora são propriedade minha, você fale tudo que eu combinei’. Quando ele estava torcendo minha mão para trás, apareceu meu irmão Reinaldo e meu sobrinho Luiz Cláudio, que era advogado, empurrando o Capitão e tirando ele de cima de mim. E eu me agarrando no meu irmão para me proteger e ao mesmo tempo que eu não queria que ele agredisse, porque eu não queria que ele cometesse alguma besteira ali por nossa causa. Então, ele saiu correndo dali, o Capitão Neves, e o meu irmão disse ‘Calma que agora nós estamos aqui, calma, eu já volto aqui, vou ver onde está a Beatriz’. E os dois saíram daquele quarto, foram para outro quarto de policiais onde a Beatriz estava, e eu fiquei ali, quando de repente apareceu o Capriotti, que se ajoelhou – eu estava sentada na cama, a cama era bem baixinha – se ajoelhou nos meus pés e disse ‘Cunhada, você está me reconhecendo?’. Eu não reconheci de maneira alguma, não sabia quem era aquele homem que estava falando. ‘Cunhada, eu sou o Capriotti, eu sou amigo do Wantuil, eu te conheço, fique calma que tudo não passou de um engano, agora vocês estão salvas, agora não vai acontecer mais nada com vocês, teu marido está aí, fique calma’, e saiu dali. Eu tive aquela esperança, e não demorou muito eu fui conduzida a uma mesa onde tinham Delegados – depois fui saber que era Delegado e Promotor – que tinham dois Promotores e um Delegado, e ao longe eu vi meu marido, mas que não deixavam ele chegar perto de mim, e também vi o Dr. Silvo Bononi e o outro advogado da Prefeitura, Dr. Roberto Machado. Eles não eram criminalistas, eles estavam ali atendendo emergencial, e eles mandaram eu falar o que tinha acontecido. E quando eu comecei a contar, um dos Promotores disse ‘Cale a boca, pare de falar mentira, nós já sabemos tudo que passou, cale a boca’, e o outro Promotor dizia assim ‘É tudo mentira, não escreva isso’. Todos rindo, debochando, e os advogados que tinham se afastado um pouco vieram e disseram ‘O que é isso? Minha cliente tem que fazer a declaração dela’, e reclamou, mas eles não aceitaram a reclamação e ficaram debochando. Não sei se a Beatriz fez o depoimento antes ou depois, porque eu não vi, mas eu sei que os nossos advogados assinaram sob protesto. Dali de Matinhos nós fomos conduzidas novamente. Meu marido chegou e disse ‘Vocês vão calmas, não se preocupem que agora vai dar tudo certo, tudo não passou de um engano, vocês vão para Curitiba só para prestar um depoimento e já vão ser soltas’. E quando nós íamos entrar dentro do carro, eu disse para ele ‘Não, eu não vou, eles são uns torturadores, esses são os torturadores’, e meu marido na ingenuidade dizendo ‘Não, eles são policiais do Capriotti, não tenham medo, vocês estão em boas mãos’. Nos dirigimos a Curitiba em alta velocidade, meu sobrinho Luiz Cláudio seguiu atrás, e eles diversas vezes tentaram frear o carro, desviar, bater no

carro do meu sobrinho. ‘Vamos matar esse idiota. Quem é esse idiota que está nos seguindo?’. E eu ainda na ingenuidade disse ‘É meu sobrinho’, mas não falei o nome. Nos dirigimos a Curitiba. Fomos direto para a polícia na Rua Marechal Floriano e entramos, mas meu sobrinho entrou junto. Naturalmente, nós iríamos ser torturadas novamente ali; não deu certo porque meu sobrinho entrou junto. ‘Olha esse palhaço junto’, eles diziam. Aí nos conduziram para uma casa da Polícia Feminina, onde depois apareceu novamente o Capriotti dizendo que nós íamos prestar declarações no dia seguinte e que estava tudo bem, que era para a gente ficar calmo e que tudo não tinha passado de um engano. Nós passamos a noite ali. No dia seguinte as policiais femininas nos trataram como animais. Ainda à noite apareceu meu marido, minha filha Carmela, uma amiga Eloína, meu genro Francisco, que na época ele era juiz em Apucarana e que também veio à Curitiba pelo caso e conversaram conosco. Meu genro disse que o caso era sério, que a acusação era muito séria, desesperado, mas meu marido sempre naquela esperança. No dia seguinte nós fomos conduzidas à Secretaria de Insegurança do Estado do Paraná, onde nós fomos arrastadas pela escada e levadas para uma sala onde estava esse tal Capriotti, o Secretário de Segurança. Nós ficamos de um lado e de repente chegaram os homens, que eram o Osvaldo, o Davi e o outro não sei, porque eu não lembro. Eles diziam coisas bárbaras, que a gente não entendia, daí eu achei que talvez eles tivessem feito alguma coisa errada e que estavam nos acusando para se livrarem, não dava para entender. Eu fiquei olhando bem e vi que eles estavam marcados, arrebatados. O Davi escorria um sangue pelo ouvido, o outro estava bem machucado o rosto, todos estavam machucados. Eu não sei como o pessoal não enxergou aquilo, como a imprensa não enxergou, como quando nós chegamos no Fórum que a imprensa estava cheia. Como é que eles não conseguiram enxergar que nós estávamos diferentes, eu e minha filha? Eu, esposa do Prefeito, estava evacuada, urinada, toda descabelada, a roupa rasgada. Minha filha também. A imprensa isso não enxergou, não marcou? Ela só focalizava os agressores, só focalizava o povo agredindo e chamando de bruxas, de bandidas. Mesma coisa na Secretaria de Insegurança [sic], aquelas acusações indevidas. E quando fomos retiradas de lá, os homens disseram ‘Fiquem quietas e repitam sempre a mesma coisa, se não nós jogamos vocês aqui para o pessoal lincharem vocês’. Bem, essa foi a nossa trajetória, porque dali nós fomos para o Instituto Médico Legal. No Instituto Médico Legal nós não fomos examinadas, nem eu, nem minha filha, porque minha filha depois comentou. Ficamos uma distância de um metro do médico e ele disse ‘Você tem algum machucado?’. Daí ainda fiz a menção de mostrar o meu corte no pescoço e ele disse ‘Leves escoriações do lado esquerdo do pescoço’. Nem chegou perto, e enquanto estávamos juntas em uma sala no Instituto Médico Legal, um casal de policial que nos acompanhava, que fazia nossa segurança ali dentro, que nós ficamos muito tempo ali, tiveram uma conversa bem íntima, se conheceram ali e tiveram intimidades, tiveram relações sexuais na nossa frente. Nós estávamos no fundo do poço. Eu nunca tive

visto isso na minha vida; para mim eu estava acabada, não tinha mais chance de outra vida. Para todos entenderem, eu acho o seguinte: para que esse Grupo tenha um sucesso, eu desejo que tenha sucesso, devem ler o processo, porque nenhuma autoridade judicial leu o processo. Porque se tivessem lido o processo, nos primeiros volumes já teriam visto os erros, as acusações indevidas. O Dr., esqueci o nome dele agora, Amaral, Celso Amaral, Promotor, ele aceitou sem nenhuma testemunha, sem nenhuma prova a denúncia de um psicopata louco, Diógenes Caetano dos Santos Filho, não ouviu dizer e é o que todos dizem, quando ele fez essa denúncia não existia nenhuma prova e nenhuma testemunha. Porque o Dr. Celso Amaral mandou a polícia dele e tirou o Grupo TIGRE, que estava fazendo a investigação, e em poucos dias eles já nos acusaram, pois já tinham a história armada e contada e aceita do Diógenes Caetano dos Santos Filho. Então, que sirva de alerta a todas as autoridades e que esse Grupo tenha êxito e o cuidado, para que no futuro não haja novamente pessoas inocentes barbaramente torturadas, condenadas, colocadas em uma penitenciária só para depois de quase trinta anos serem consideradas inocentes por terem um grupo, pelo Ivan Mizanzuk ter recebido uma fita. Ivan Mizanzuk é um anjo na nossa vida. Ter recebido a fita original, que tinha sumido e que está nítida e notória a nossa tortura e a nossa inocência. Então, que sirva de alerta para esse Grupo. Eu quero agradecer a todos pela paciência de ter me ouvido e agradecer a todos os anjos que apareceram em nossas vidas. O meu muito obrigada ao Ivan Mizanzuk, à Michele, ao Aly Muritiba e à Globoplay. Muito obrigada a todos. É o que eu tenho a dizer”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Obrigada, Dona Celina. Muito importante o seu relato, realmente impactante e aponta uma séria de questões que eu tenho certeza que o Grupo aqui vai levar em consideração nas suas análises. Sinta-se novamente abraçada, acolhida”. **CELINA ABAGGE** agradece: “Obrigada”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** continua: “Não há como ouvi-la no seu relato sem também na condição de mulher e de mãe sermos tomadas pela emoção e pela sensibilidade do seu relato. Então os sinceros sentimentos por todo o vivido nesse processo relatado pela Senhora. Na sequência do nosso relato, eu convido então a Senhora Beatriz Abagge, para que faça o uso da palavra e possa fazer o seu relato espontâneo”. **4. Relato espontâneo da convidada Beatriz Abagge: BEATRIZ ABAGGE** relata: “Bom dia a todos. Primeiramente, eu gostaria de introduzir as palavras da minha mãe as minhas palavras, agradecer pela oportunidade de estar aqui falando. Quanto às torturas que nós sofremos, tudo que a Dra. Isabel falou, que a mãe falou, o que todos pontuaram nesse Grupo, é verdadeiro. E se tiverem alguma pergunta específica, eu vou responder. Eu não vou entrar no mérito, eu não vou contar especificamente tudo que nós passamos, porque já existem fitas sobre isso, já existe a Globoplay, já existe um monte de denúncia. O que eu gostaria de pontuar, e acho bastante importante, é exatamente a questão dos horários, que ficou meio *in dubio* pela fala do Ministério Público dizendo que nós fomos presas às nove horas, assinamos o

nosso mandado de prisão às nove horas. E o Ministério Público, nesse mesmo Grupo de Trabalho, disse que eu coloquei o horário, que a letra era minha da colocação desse horário, que nós assinamos o mandado de prisão, então eu gostaria de mostrar para vocês. Encaminhei para a Ana Vitória, se ela puder colocar na tela o mandado de prisão, não sei se é possível. Então, esse é o mandado de prisão. Aqui em cima, se der para aumentar um pouquinho, tem a assinatura do horário. Essa letra não é minha, certo? Foi isso que o Ministério Público mostrou nesse Grupo de Trabalho, dizendo que eu havia colocado o horário no mandado de prisão. Essa letra não é minha, eu não coloquei o horário, nada. Eu assinei esse mandado um pouco mais acima, mas esse foi o que o Ministério Público colocou; e esse é o original dos autos, que eu tenho aqui comigo, e o original também que está ali no processo. Isso é muito importante esclarecer, porque realmente, nós voltamos ao Fórum aproximadamente às quatro horas da tarde, como disse bem minha mãe, e a prova é exatamente a população que já estava no Fórum. Nós somos levadas às nove horas da manhã e eles puderam articular todo esse movimento para que, quando nós voltássemos ao Fórum, já tivesse esse clamor público para que tirassem a gente dali. Outra coisa que é bastante importante falar, que eu acho que também houve essa pontuação do Ministério Público, foi a questão desse processo ser investigado pela Polícia Militar e pelo Grupo ÁGUIA. Quem é a Polícia Judiciária? A Polícia Judiciária nossa é a Polícia Civil, nunca foi o Grupo ÁGUIA, nunca foi os grupos especiais, então aí já demonstra que havia alguma coisa errada. Também é importante prestarem atenção: já viram alguém ser filmado quando assina mandado de prisão? Eu nunca vi. Ali eu estava com o cabelo molhado, naquele momento, é só olhar as imagens também. Gostaria também de falar a respeito das torturas, que acho que é muito importante, porque todo mundo vem falando que até torturado é culpado, que não havia prova de tortura. Isso é bem pontuado pelo Ministério Público, que nesse processo não havia prova de tortura. A prova de tortura desde o início do processo nós falamos. Nunca fomos ouvidas, nunca. Nunca o Promotor, como ele disse em um trabalho dele de Ministério Público, uma palestra que teve essa semana, ele disse que ele conversou comigo. Nunca o Dr. Paulo conversou comigo. Nunca ele perguntou 'Você é inocente, Beatriz?'. Não, nunca o Ministério Público perguntou isso para mim, para minha mãe e acredito que para nenhum dos acusados. Então, eu trouxe também, e foi colocada no processo em 2011, a prova de que eu fui torturada. Eu fui periciada por um perito, Dr. Vanrell, da Presidência da República. Eu fui até São José do Rio Preto e ele fez essa perícia em mim e eu trouxe também ao Grupo de Trabalho essa perícia. Se puder mostrar na tela, tem até as fotos, fotografia das marcas de tortura e o laudo do Dr. Vanrell. Pode abaixar um pouquinho onde tem as fotos, onde tem o laudo dizendo o tipo de tortura sofrida. Pode abaixar um pouquinho. Aí são os sinais da tortura. Esse mesmo sinal que eu tenho o Osvaldo Marcineiro tem, e quando eu fui gravar a séria com ele, ele me mostrou as marcas dele e são as mesmas marcas que eu tenho, que são de choque elétrico. Um pouquinho

mais para baixo tem também a marca bem acentuada no outro dedo, de choque elétrico. Mais uma foto de choque. Pode abaixar um pouco, aí o diâmetro da foto. A marca tenho até hoje, posso ser periciada hoje se o Ministério Público quiser. Eu tenho marcas não só aí, como em outras partes do corpo. Pode abaixar um pouquinho. Aí diz, o laudo que diz, sobre o que eu fui torturada. Na conclusão, por favor, mais para baixo. Conclusões 'Do observado podemos concluir, salvo erro, engano ou omissão, que a Sra. Beatriz Cordeiro Abagge, já qualificada, apresenta marca cicatricial, na face dorsal da falange proximal do primeiro quirodáctilo esquerdo, compatível com aquelas produzidas por fiação utilizada para aplicação de choque elétrico de baixa voltagem, em sessão de tortura destinada à obtenção de dados de forma ilícita'. Essa perícia eu fiz em 2011 e torno a repetir: estou à disposição se quiserem fazer novamente alguma perícia em mim. Eu tenho marcas no corpo até hoje. Então, aí já prova que não é de hoje que nós falamos que nós fomos torturadas; é desde o nosso primeiro depoimento que nós falamos que fomos torturadas. Então, o que eu teria que falar é isso. Eu quero resumir a minha fala, porque eu sei que são cinco pessoas a dar seu depoimento. Eu acho que tem todo o relatório, inclusive encaminhei o primeiro relatório da Dra. Isabel, eu encaminhei essa semana para o Grupo, porque eu tinha aqui em casa, scaneei e encaminhei para vocês. Então, esse primeiro relatório contando todas as provas. O que ela falou que aconteceu comigo na penitenciária feminina é verdade, mas também não preciso me expor mais; mas se alguém quiser perguntar mais tarde, poderei responder, mas acho que era isso que eu teria que falar realmente. Muito obrigada". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: "Obrigada pelos apontamentos, são questões bastante objetivas indicadas por você e que já estão registradas aqui pela equipe técnica, para que a gente faça o destaque desses pontos no relatório e nas análises atinentes ao caso. Na sequência da fala, nós temos então o Senhor Davi, mas antes de lhe passar a palavra, também quero aqui expressar, Beatriz, os meus sentimentos, enfim, quero acolhê-la não só do ponto de vista institucional, a partir deste Grupo, mas também da mesma forma acolhê-la na sua condição de mulher, de mãe, e o lamento por todo esse processo vivido na sua história e na história da sua família". **BEATRIZ ABAGGE** agradece: "Obrigada". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** continua: "Por favor, Senhor Davi, a palavra é sua. Nós estamos à distância aqui, pode ficar à vontade". **5. Relato espontâneo do convidado Davi dos Santos Soares:** **DAVI DOS SANTOS SOARES** relata: "Primeiramente bom dia a todos que estão aqui, ao Grupo de Trabalho, fazer os agradecimentos a todos aqueles que nos ajudaram e estão trabalhando em prol da verdade, mas a nossa meta agora é essa. Faço das palavras da Dona Celina Abagge as minhas, de agradecimento e tudo. Como a Beatriz falou, está exaurida já de tantas declarações de tortura, então se for contar tudo é quase que iguais. A diferença é que eu e o Osvaldo fomos presos no dia primeiro, por volta de seis, sete horas da manhã. Fomos conduzidos também a essa chácara, onde também por algum momento eu procurei saber, descobri para onde nós

estávamos indo, então eu gostaria de enfatizar mais o que aconteceu lá naquela chácara. Eu estava encapuzado, fui uma pessoa que fiquei ali quase que como um observador, porque não falavam comigo no início, só perguntei para eles o que estava acontecendo. Primeiro eles falavam que eram assassinos profissionais, que eu ia para o buraco do urubu, diziam que iam me matar. Eu até então não sabia, não entendia nada. Lá chegando, fiquei em um quatinho separado. O cara falou para eu escutar, eles queriam que eu escutasse a voz de alguém conversando. Hoje eu sei que era o Osvaldo, mas de forma alguma eu consegui identificar de quem era aquela voz. Então, essa voz continuou, eu fiquei ali sentado no chão com as mãos para trás, encapuzado escutando. Então, aquilo foi noite adentro. Uma das primeiras gravações que eu tenho lembrança é onde o algoz, o interlocutor, perguntava para Osvaldo ‘Então, o que você tem a dizer sobre a criança, a morte da criança?’. A gente escutava ‘Ai’, outros barulhos, água, tinha um cheiro horrível naquele lugar. E até o momento, mais ou menos, sei lá, vinte minutos daquilo, Osvaldo desesperadamente começou a falar ‘Fui eu que matei a criança, é, fui eu’. O cara dizia, o interlocutor, falava ao mesmo tempo ‘Não, não foi você que matou a criança’; ‘Não, não Senhor, não, fui eu que matei, eu peguei na rua, coloquei a cinta e matei, levei para o mato’. Então, aquilo foi por várias vezes, que eu escutava Osvaldo falar que foi ele que matou, e o interlocutor dele, o torturador, dizendo ‘Não, não foi você que matou, não foi você que matou, quem que foi que matou?’; ‘Não, fui eu, fui eu amigo’; e ele ‘Ai, ai’, e vários vai e vem, vai e vem de ‘Ai, ai, ai’. Aí isso é mais uma análise do que foi que aconteceu lá. Aí eu digo ‘Pô, o próprio interlocutor está dizendo que não foi você que matou’, e ele confirmando que foi e eu escutando aquilo ‘E quem que foi?’. E uma voz também lá, me parecia feminina, eu já perguntei, eu digo, mas não tinha policial feminina naquilo. Me parece que era feminina, por estar tampado os ouvidos, era uma voz mais fina ou diferente, falava ‘Você não conhecia a criança’, ele dizia ‘Eu não conhecia, eu peguei’; ‘Como que você escolheu a criança?’; ‘Eu não escolhi, eu peguei, eu estava loucão’, sei lá, alguma coisa assim e ‘Peguei a criança e matei’, ele falava sempre isso. Daí parava de gravar. Tinha um tanque de roupa, a gente sentia aquele cheiro de quando você deixa a roupa muito tempo no tanque e fica aquele cheiro horrível de podre, e pararam. Voltaram, aí para falar comigo ‘Então, o que você sabe sobre a morte dessa criança?’. Eu digo ‘Não sei nada, eu sei o que todo mundo sabe, o que está na mídia, eu nem estava na cidade de Guaratuba’. Quando essa criança desapareceu, eu nem estava na cidade de Guaratuba. Quando essa criança desapareceu, eu não estava em Guaratuba, eu estava viajando, eu cheguei em Guaratuba dia seis, por volta de seis, sete horas da noite. E aí, eu conversando com eles, expliquei da mesma forma, perguntou o outro dia e eu digo ‘Não, no dia sete eu estava’; ‘Aonde você tava?’. Eu trabalhava com artesanato, eu fui acertar as contas, porque eu levava mercadoria do pessoal da feira, porque o meu contato com Osvaldo e Andrea inicialmente sempre foi sobre a feira, porque eu era Presidente da Associação de Artesãos de Guaratuba. Andrea eu já

conhecia há mais tempo, porque na verdade eu conhecia a mãe dela. A mãe dela trabalhava, fazia parte da feirinha em Guaratuba; aí naquele ano eu acho que ela tinha ido para o Japão, ou sei lá, o ano anterior ela já tinha ido, o irmão da Andrea foi trabalhar na feirinha, ele tinha autorização para trabalhar naquele ano, a Andrea quis trabalhar, daí veio o Osvaldo. Então, esse era o contato. Eu expliquei isso para esses Senhores, aí o cara disse assim 'Então, isso aí acho que nós já sabemos, nós queremos saber outra coisa'. Foi onde eu senti, eles amarraram, essas marcas que Beatriz esclarece ali, eu também tenho elas aqui, vocês estão aqui. Nós não somos irmãos gêmeos para ter as mesmas marcas. Tenho aqui, tenho aqui ela, tenho aqui nesses dedos. Uma vez eu fui ao médico e perguntei por que aquilo acontece. Eu tenho umas marcas no pênis, vamos dizer assim, que todo ano elas vêm, ela volta, volta nessa mesma época. Quando está em aniversário de um ano, entre abril, maio, junho, julho, nessa época, elas sempre formam as bolinhas, bolinha branca, aquela bolhinha arrebenta e se eu não cuidar, ela vira uma ferida. Passou aquele tempo e ela sara. Ele me falou que eu fiquei com, não é psoríase, é alguma coisa como parecendo uma psoríase, que fica no sangue, no organismo por causa do choque elétrico. Então, isso pode ser comprovado, que foi através de choque, não é elétrico de energia, é eletro magnético, é um choque, eu fui pesquisar sobre isso, como se faz isso, é com dínamo. Então, o dínamo não é um choque mortal, mas se for repetidamente muito alto, ele chega a dar cinco mil volts, um dínamo girando, dependendo da força, então não mata, mas fere bastante, causa uma dor insuportável. Então, isso queimou. Por que queimava? Quando a gente estava algemado, a gente encostava uma mão na outra, fechava curtos e esse curto queimava, porque se ficasse o descuido, ainda bem que eles se descuidaram, porque se eles separassem, não ficaria marca, talvez um queimadinho, uma marca. Então, isso tudo pode ser comprovado, que eu na mão não saíu, mas eu sei que no meu genital ainda aparece isso. Eles amarraram esses fios na minha mão, tiraram aquelas algemas, amarraram uma corda, porque eu estava muito gordo na época, eu estava acho que com cento e dezenove, cento e dezoito quilos, acima de cento e dez quilos, então era bem difícil, então eles amarraram a minha mão, não chegaram a colocar no estilo que eles falam aqui de pau de arara, eles deixaram, só amarraram mais longe, mas mesmo assim eu fiquei bem desconfortável. Eu estava de shorts, tiraram meu shorts até o joelho, eu por opção não uso cueca, então estava sem, estava só com o shorts, aí amarraram esse fio descascado na minha genitália e eles viravam uma manivela, porque eu conheci ela no quartel da PM, depois eu vi, parece que por pura diversão, quando nós já estávamos no quartel da PM no dia dois, eles deram choque no Osvaldo na minha frente, no de Paula, em mim. O Vicente de Paula disse 'Eu sofro do coração', o cara dizia 'Não, isso é bom pra o coração, eles dão choque para animar o coração'. Então aquela hora ali, era uma hora mais ou menos, uma e meia, duas horas da manhã, porque a gente ia ter que dar aquela declaração e assinar os papéis, então ali eu vi ela. Quando eles começam a rodar aquela

maquininha devagarzinho, ela vai dando um tremelique pequenininho e aqueles beliscões vão aumentando, aumentando, de repente parece que está arrancando um pedaço da gente. Você pula do chão, é insuportável, aí você grita e ele pergunta, eu digo 'Tá, mas o que vocês querem que eu fale?'. Sempre foi assim. Eu escutava, porque eu havia escutado o Osvaldo, 'Conte da criança', e eu digo 'Tá, mas eu não matei ninguém, eu não sei, tanto que eu estou falando para vocês, eu não estava em Guaratuba'. Eu continuava afirmando que eu não estava em Guaratuba, e vai, aquilo ali foi por várias horas. É muito difícil a gente falar sobre isso. Volta de novo para o Osvaldo e aquilo vai e vem e vem e vai. Eu lembro que eu acho que eu desmaiei, o cara me deu acho que muito afogamento, como eu estava muito gordo acho que meio que vomitei na hora, eu tive alguma coisa, eu não lembro dessa parte, eu desmaiei. Quando eu retornei, não sei quanto tempo foi, estava silêncio. Por um tempo eu fiquei, estava sozinho, eu escutei quando eles chegaram de carro de novo, era o Osvaldo de novo que estavam trazendo. O rapaz falava para ele 'Então, nós já conversamos, nós já nos entendemos, então vamos lá de novo, vamos de novo', aí começaram. Ele quis retornar o que ele falava antes 'Fui eu, Senhor, não tem ninguém'; pararam e disseram 'O que nós falamos? Foi Beatriz Abagge que pegou a criança, porque ela conhecia a criança, ela e a mãe dela e você'. Até então não aparecia o nome do De Paula. Na hora que eles foram gravar, acho que ele se negava a gravar aquilo, porque deve ser difícil, deve não, eu sei que é difícil você acusar alguém. 'Meu Deus, eu não fiz, como eu vou acusar alguém que fez?'. Porque, ali entre nós, ninguém tinha índole de bandidismo, bandido, eu nunca tinha ido preso nem por briga. Osvaldo também tinha ficha limpa; Celina, Beatriz, todos ficha limpa. Eu era pobre, mas era uma pessoa honesta, trabalhador da cidade, conhecido em Guaratuba. Então, aí ele começa a falar, fala Beatriz que pegou e tal, isso deve estar tudo gravado em fita. Quando eu ouvi, porque eu ouvi, eu ouvi ele falando e ouvi eles perguntando, eu assisti isso pessoalmente e eu digo 'Meu Deus, o que eles querem, eles querem que nós confessemos que matamos uma criança? Mas nós não matamos, eu não matei, o Osvaldo também não deve ter matado', porque eu conhecia ele. É aquela história, como você acha, eu sei, eu tenho certeza, mas será? A pessoa está falando, será que foi? Mas mesmo assim a gente duvidava daquilo, então aconteceram todas essas coisas lá. De manhã cedo, era de manhã, a gente diz de manhã, mas não sabe o horário exato, eles nos prepararam para sair. Eu lembro que alguém disse assim 'Vamos levar eles daqui'; nesse horário era só eu, o Osvaldo já não estava. Hoje a gente sabe que o Osvaldo tinha sido levado para a serraria na parte da manhã; e falaram que ia trazer as mulheres. O cara fala 'Vamos trazer as mulheres'. Então eles trazem as mulheres e não dá tempo de eu sair, eu fico ali. Eu ouço alguma parte das torturas que as meninas levaram, Dona Celina e Beatriz, eu ouvi alguma coisa, aí chegam e me tiram dali, mas eu sei também, tenho a certeza que Dona Celina e Beatriz também estiveram na chácara, porque eu vi alguma coisa assim. Que nem o cara, eu até posso falar o nome dele, que hoje eu sei e lá

mesmo eu descobri, era o Silvestre, um policial de cabelo cacheado, ele fez por questão. Depois me levaram para a mansão do Stroessner, que depois também lá já fiquei sabendo que era lá. Antes de me levar, ele foi e me mostrou, abriu uma porta de um quatinho e era onde a Beatriz estava, vamos dizer assim, estaqueada em uma cama, semi nua, com a parte de baixo, mas estava meio escuro, e onde senti aquele cheiro de fezes, de urina, com aquele fedor daquelas roupas sujas. A gente fedia, gente, e ele fala bem assim para mim 'Você sabe quem é essa aí? Está vendo quem é?', eu olhei assim 'Não dá para reconhecer'. Ela estava com o rosto tampado e ele disse 'Essa é a filha do Prefeito Aldo Abagge, você veja aí, nós não estamos para brincadeira, você é um Zé Ninguém, ela é filha do Prefeito e olha o que nós fizemos. Você acha que a gente tem medo? Vai acontecer alguma coisa com nós? Não, então acho bom você colaborar com nós, você vai falar tudo que a gente quer, a partir de agora você é nosso'. E me levaram para a mansão do Stroessner, ex-Presidente do Paraguai, e elas ficaram na chácara. Então, quando a gente fala mais ou menos de horário, isso devia ser por volta de dez horas da manhã, por causa do sol, a gente sabe onde o sol está na praia. Eu sempre me pergunto, é lógico que, vamos falar, o Ministério Público nunca quis, eles queriam um culpado para esse crime e encontraram, a P2 foi lá e encontrou, fabricou culpado, mas se for ver é exatamente o que a Beatriz falou, foi antes das oito que eles foram no Fórum, os próprios empregados do Fórum não estavam lá. Como estava aquela multidão de gente querendo pegar eles? Não, foi à tarde, porque alguém já tinha dado a notícia de tarde, quatro horas da tarde, quando elas devem ter saído da chácara, foi quatro horas da tarde. É exatamente, e eu também não é que acredito, se for ver e estudar, analisar, certamente, vai ver que foi isso que aconteceu. De manhã não tinha ninguém no Fórum, de tarde tinha porque o Diógenes mesmo já tinha feito a publicidade da cidade. Na mansão do Stroessner eles tiraram meu capuz, eu estava como se fosse com uma touca, não vou precisar horário, o Osvaldo esteve lá também. Onde aquelas fitas, onde eles gravam com nós, é lá no Stroessner. Também isso já está mais do que falado. Quando o Capitão Neves, todo mundo pergunta o que era aquele tampão no meu ouvido; realmente, ele chegou a sangrar, eu estava meio surdo, a pessoa fala hoje e eu ainda tenho dificuldade de escutar com esse ouvido. Então, aquilo foi um tiro que ele deu do lado da minha cabeça nas torturas, antes, querendo saber, e como durante a noite eu não tinha esclarecido nada, ou sei lá pelo tempo, ele que veio falar comigo e até então eles não têm fita minha ali no cativeiro confessando, porque realmente ali eu não falei nada, eu não tinha nada o que confessar, mas esse Capitão Neves que chegou uma hora lá, ele xingava os caras, brigava, tirou o capuz da minha cabeça, me jogou no chão e falou que não adiantava ficar enrolando ele, porque ele era experiente, conhecia essas manhas que a gente tem e não ia enrolar eles. Tirou aquela arma em um gesto doido e eu pensei que ele ia me matar, gente. Ele levou do lado da minha cabeça e deu um tiro, aquilo deve ter estourado, não chegou a estourar o tímpano, eu

tinha ficado surdo, mas eu fiquei uns seis meses que eu não escutava nada do outro lado e tenho ainda dificuldade de ouvir. Às vezes eu falo baixo, porque eu tento não gritar, de repente eu estou falando e ninguém me escuta, então se eu tiver falando muito baixo, vocês me avisem. Então, é isso. Lá no Stroessner eu presenciei uma sala de comando deles; eles tinham uma mesa, tinha muita daquela rosetinha de telefone e campainha de telefone. Então tinham muitas daquelas em cima da mesa, devia ter mais de oitenta; gravadores, daqueles gravadores de tecla, devia ter, não vou precisar, mas devia ter uns cinco, vários fios, aquilo era tudo ligado. Silvestre mesmo falou que tudo que é ligação que chegasse em Guaratuba, tanto nacional, estrangeira, caía ali naquela central, ele atendia. Sempre quando tocava um telefone, ele ligava o gravador e atendia a ligação, então era gravado, a cidade estava grampeada. Ele mesmo dizia ‘De nós nada escapa, qualquer um’. Tinha um lá que falava meio que espanhol, ele devia ser o caseiro, que ficava por ali, falou que ali eles também estavam escutando muita traição de mulher, de homem. ‘Vamos gravar, quem sabe dá para ganhar um dinheiro’, foi uma coisa à parte, tipo como uma piada. Então, todo mundo ali sabia. Ali eu permaneci até de tarde. Osvaldo veio, eles gravaram ele, foi ali também que me encapuzaram novamente, porque falaram que vinham ‘as mulheres’. Quando eles falaram que as mulheres iam ali, eu achei ‘Bom, eles vão trazer a Beatriz para cá e a mãe dela’, aí o cara veio, me encapuzou de novo, me colocou em um banheiro, eu fiquei em um banheiro. Então, no banheiro escutava-se pouco o que se falava. Essas mulheres, na verdade, eram as pessoas que vieram para tomar o depoimento do Osvaldo. Então, aí depois também foram lá, eu também falei com essa pessoa, tinha um policial, tinha essa que hoje a gente imagina ser a juíza, e uma secretária dela, uma escritã que ditaram. Eu não tenho lembranças se eu assinei isso lá também, devo ter assinado e lá que eu percebi. Eu tinha uma fresta naquele treco, pois erguia até uma altura para você poder falar, então onde eu observei, em cima da mesa, cigarro, uma cigareira – Malboro que ela fumava – e um óculos, e esses mesmos objetos eu vi no dia que eu fui falar com ela na prisão da PCE. E a minha ignorância, né, não sabia que um juiz você acaba tendo que respeitar, falar palavras e tal. Eu falei com ela, porque eu conhecia ela da cidade, eu chamei ela de Dona e ela disse ‘Não, aqui é Meritíssima’, me corrigiu, mas eu sempre chamei de Dona juíza, Senhora juíza, porque a gente não chamava ela nem pelo nome, não sei nem se eu sabia que o nome dela era Anésia, chamava ela de juíza, Dona juíza, Senhora juíza. Eu cheguei a cortar a grama uma vez da casa dela. Comprei uma máquina de cortar grama e tinha um ex-cunhado meu, que também era da polícia e acho que conversou, falou para mim, e eu fui lá, só que não tratei com ela, tratei com alguém lá do Fórum mesmo que pagaram, porque as despesas dela na cidade era tudo pela justiça que pagava, ela mesma acho que só recebia o salário, e eu lembro que eu recebi no Fórum o trabalho que eu fiz. Então, eu falei para ela ‘Dona Anésia, Dona juíza, eu conheço a Senhora’; ‘Você me conhece? E outra, aqui eu sou a Juíza, Meritíssima’. Os outros davam risada e ela fumava, fumava

um cigarro atrás do outro, e aquilo também era uma tortura, porque eu era fumante, fazia tanto tempo que eu não fumava um cigarro... Ela brigou comigo 'Mas onde?', e eu digo 'De Guaratuba, moro lá', e eu observei essas coisas em cima da mesa, o cigarro que ela fumava, que era Marlboro, e olha que eu não sabia que ela fumava, foi o cigarro que eu vi lá e ali, então hoje a gente presta mais atenção nessas coisas. É horrível, a gente fica meio que perdido, são tantas coisas que eles fizeram... Então hoje eu sou um pesquisador, eu tento ver onde está o erro, mas o erro está só em um lugar, Diógenes Caetano foi ouvido, deram voz a ele e tudo que envolve política, religião, interesses acho que vai dar nisso. Também como a Dona Celina falou, eu espero que não aconteça isso com mais ninguém. Eu já estou chegando nos sessenta anos também, já sofri, eu falo muito sobre esse caso, trabalho com esse caso e espero uma resposta. Hoje, já como eu costumo dizer, a gente pagou uma dívida, eu, Osvaldo, por exemplo, a Beatriz, nós pagamos uma dívida que não era nossa. Hoje, se você tirar uma certidão negativa minha, ela sai limpa, eu não devo nada para a justiça, Osvaldo também não, Beatriz acho que também não. Então muitos dizem 'Vocês já estão livres'. Gente, não estamos livres, nós carregamos uma coisa nas costas, uma marca. Tem gente hoje ainda que não acredita, por mais que veja. Eu estive lá, eu estou fazendo um trabalho para o meu canal no Youtube, eu fui conhecer a serraria do finado Seu Aldo Abagge esses dias em Guaratuba. Eu fui lá, eu quis conhecer, eu queria saber onde que diziam que eu fui, eu fui lá fazer umas gravações, mostrar o local, onde que foi. Eu fui conhecer, eu não conhecia a serraria; eu nunca tinha ido lá, precisei de pessoas pra me ensinar, me levar lá. E ali mesmo ainda tem pessoas que dão de ombro para isso. 'É, mas e o dinheiro?'. Pessoas ignorantes que não assistiram, não viram, ainda falam. Tem uma Senhora lá e eu digo 'Dona, mas a Senhora' – não sei se lá ainda é propriedade dos Abagge, mas deve ser, e eu digo – 'A Senhora usufrui aqui do terreno, mora aqui e assim mesmo a Senhora tem essa ideia?'. Gente, são pessoas boas, então eles falam muito sobre o caso. Dona Celina sempre foi uma pessoa boa, as pessoas largavam crianças na porta dela, ela sempre trabalhou em prol das coisas. Eu ouvi um dia alguém falar que ela exigia, é uma Senhora que trabalhou com ela, ela disse assim 'As pessoas distorceram o que ela falou; ela falava para nós funcionários que os banheiros tinham que estar tão limpos que, se precisasse tomar água dali, poderia tomar', mas ela estava falando de uma forma dizendo que tinha que estar bem limpo, e eu já ouvi alguém dizer que ela dizia que as crianças tinham que tomar água do banheiro. Então, as pessoas distorcem tudo e isso traz prejuízos enormes, porque hoje, aconteça o que acontecer, é lógico, eu quero mais do que tudo, então que tirem essa marca de mim, de todos nós, de todos os sete acusados, que somos os setes inocentes, os sete injustiçados de Guaratuba, que saia essa marca. Que o Estado, o juiz, declare a nossa inocência. Mas também a gente vê pelo lado das famílias também, que perderam crianças. Eu sou pai, eu tenho filho, na época eu tinha filho de dois anos, que também foi usado, meu filhinho tinha dois anos, a minha mulher foi

usada contra eu, minha mulher e meu filho. Eles tinham dia onze quando encontraram o corpo, você veja, a gente não era acusado disso ainda, mas o Diógenes já maquinava isso. Minha mulher e meu filho, no dia onze daquele mês, quando foi encontrada a criança, eu cheguei no dia doze em casa, o meu sogro falou o seguinte, eu digo 'Ué, mas cadê a minha mulher e meu filho?' – é Anita o nome dela e Cleberson é o nome do meu filho – 'Eles foram levados para Curitiba', e digo 'Mas quem levou eles para Curitiba?'. Daí meu sogro me contou essa história, e ele disse 'Chegou um homem aqui, só se identificou de voz e dizendo que era Delegado ou outro policial, e que o Cleberson ia ser a próxima criança a desaparecer e eles iam levar ele para um lugar seguro'. E eu digo 'Mas como? O Senhor deixou?'. O Cheiro, que era meu cunhado, e até na época diziam que eu era o Cheiro, tinha esse apelido de Cheiro, tinha esse apelido. Então esses dois pegaram a minha mulher, o meu filho, o meu compadre, que era meu cunhado, colocaram dentro de um carro, trouxeram para Curitiba. Hoje eu sei, porque eu, depois disso tudo, acabei separando dela, perdi o contato, mas eu consegui conversar com ela esses dias atrás no trabalho. Meu filho, eu já tinha contato com ele, e isso tudo depois que apareceu essas fitas. Talvez eles acreditassem que eu fosse culpado também. Hoje eles acreditam na nossa inocência também, meu filho mesmo fala 'Não, pai, eu nunca duvidei da sua inocência'; ela também fala e eu digo 'Mas por que vocês ficaram quietos?'. Ela diz 'Eu sempre fiquei quieta, Davi, porque eu sempre protegi o nosso filho', mas hoje ela resolveu falar e me contou essa história, eu tenho essa história dela gravada e ela conta todo lugar que ela esteve em Curitiba. Eles trouxeram ela; eles estavam armados e em alguns momentos nas torturas eles também falavam 'Nós temos a família de vocês, está na nossa mão sua mulher, seu filho, seu sogro, seus irmãos', então a gente também era ameaçado com família, a gente 'Pô, eu já estou aqui, agora vão botar a minha família, meu filho, minha mulher?'. Isso tudo é um tipo de tortura, onde mexe com o emocional, com o psicológico. Que nem eu vejo a Dona Celina, ela fazia tudo para salvar a filha dela. Como uma mãe vê uma filha sofrendo? Eu digo para vocês, que eu me tornaria um assassino se eu visse meu filho sendo torturado, eu iria salvar ele, todo mundo faria isso, uma mãe enfrenta um leão se ela ver que o filho dela está em perigo. Então, trouxeram ela para Curitiba e, segundo o relato dela, eles vieram à Curitiba, disse que rodaram bastante por Curitiba, diz que ela falava 'Moço, mas vocês vão levar nós aonde?'. Ela meio assim e eles 'Não, fiquem tranquilos, vocês estão em segurança, nós somos da polícia, vocês têm que ter medo de bandido', e ela via que eles tinham arma dentro de bolsa preta, que nem ela relata. Aí, nesse percurso que eles andaram, levaram ela até a Vila Oficina, segundo ela, andaram por lá, pararam na frente de uma casa, errado, porque era a outra casa, saiu alguém na janela, diz que tinha outra criança lá, outro menino. Diz que o homem saiu do carro, foi lá, conversou, conversou com eles lá dentro e retornou para o carro e ameaçou ela. Disse 'Não vai acontecer nada com vocês, mas eu vou falar uma coisa para vocês, nós estamos de olho, vocês

não vão poder contar essa história para ninguém. Vamos soltar vocês, vocês voltem para a cidade, mas nem com o seu marido você vai falar isso, porque nós vamos saber se você falar alguma coisa'. Levaram eles até o terminal, soltaram no meio da rua, eles nem conheciam direito Curitiba, ligaram para o pai, o pai deu um jeito de mandar dinheiro, deu jeito para levar eles de volta para lá. Eu pergunto: por que motivo? Na época que eu cheguei em casa e dei falta da minha mulher, do meu filho, meu sogro me falou o que tinha acontecido. Eu fui procurar, eu fui na cidade, fui na Delegacia, falei, quando falei com um cara lá, sabe o que o cara me falou? "Ah não, vocês ficam inventando essa história só para tumultuar mais", e eu digo 'Não estou tumultuando, quero saber do meu filho e da minha mulher, que foram levados por um Delegado e um policial para Curitiba', 'Não, aqui não tem nada disso'. O que eu fiz? Eu fui para Curitiba atrás deles. No mesmo dia à noite eu consegui uma carona, já era acho que meia-noite e tinha um rapaz que vinha para Curitiba e digo: 'Vou para Curitiba também, não tem ônibus, eu vou', e vim para Curitiba. Fui procurando, falaram que estava na casa de uma irmã dela, fui lá e não estava, não encontrei eles. Naquele tempo a gente não tinha celular, não tinha jeito de se comunicar com ninguém, e eu sem saber de nada voltei e eles já estavam lá. Na época, não falaram nada; hoje em dia que eu fico sabendo essas coisas. Ela também disse que depois ela quis saber, ela afirma isso, que ela ouviu da própria boca do Diógenes que aquilo realmente foi feito para mudar a polícia do caso, eles estavam tentando já desde o dia doze mudar a direção dos policiais, eles já queriam tirar". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: "Senhor Davi, se o Senhor puder concluir, nós agradecemos, para poder abrir a palavra para outro convidado". **DAVI DOS SANTOS SOARES** continua: "É isso que eu queria falar. Eu acho que já foi falado bastante sobre isso, mas eu só tenho a agradecer a todos, até o Secretário, Senhor Leprevost, pessoa da melhor qualidade. Eu o conheço também, já tive o prazer até de fazer um trabalho para ele como cinegrafista. Agradecer a Senhora, a todos aqui, que eu não vou dizer o nome para não fazer injustiça com alguém, agradecer a Dona Celina, Beatriz, eu percebi parece que o Osvaldo não está, e a todos. Que Deus nos abençoe, que nós sejamos todos vitoriosos em mais essa luta. Que Deus abençoe a todos. Fico muito agradecido pela oportunidade e se não fui muito claro e quiserem perguntar alguma coisa, estarei aqui para esclarecer. Muito obrigado a todos". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: "Obrigada, Senhor Davi, pela clareza dos relatos. Caso alguém do Grupo de Trabalho tenha algum ponto para esclarecer, na sequência nós faremos as perguntas dirigidas. Na sequência então da nossa ordem de organização do relato espontâneo, eu convido o Senhor Osvaldo Marcineiro, para que faça o uso da palavra".

**6. Relato espontâneo do convidado Osvaldo Marcineiro: OSVALDO MARCINEIRO** relata: "Bom dia a todos. Em primeiro lugar, a gente quer agradecer ao Dr. Ney e ao Grupo, a comissão, por esse incentivo. Espero que sirva para que nunca mais alguém passe pelo que nós passamos, que sofra torturas e seja preso injustamente. Espero

que tenha uma resposta muito boa para servir de exemplo para outras pessoas. Bem, o que eu tenho que dizer em primeiro lugar é que são todos inocentes, os sete são inocentes e Deus é testemunha disso, e meu corpo permaneceu por muito tempo preso, mas a minha consciência está livre até hoje. A gente chegou em Guaratuba para prestar um serviço de artesanato, que a minha sogra na época tinha uma banca de artesanato na praça pública de Guaratuba e, como ela estava no Japão, ela não pôde ir. A Andrea me disse 'Gato, podemos ir lá fazer no lugar da mãe para não perder a feira, para não perder o local?'. E a gente acabou concordando e indo. Assim que chegamos lá para expor artesanatos, já tivemos um problema muito sério com o Senhor chamado Ratinho, a gente chamava ele. Era Rubens Serafim, era um artesão que tinha na feirinha, e esse artesão ele acabou impondo que pessoas de fora não poderiam trabalhar no artesanato de lá; e a gente perdido, sem saber o que fazer, acabaram indicando para nós o Davi dos Santos Soares, onde conhecemos a pessoa do Davi. A minha esposa, a mãe dela já conhecia ele, a gente não conhecia. O Davi, por ser membro da feirinha de artesanato, acabou dizendo para nós que nós tínhamos direito sim. Como a Dona Eli, a mãe de Andrea, tinha já um ponto lá e todo o pessoal que vinha de fora tinha direito também a expor, a trabalhar, e nisso nos indicou para que procurasse a Prefeitura. Foi onde a gente procurou a Prefeitura para pegar autorização para pôr a nossa barraca de artesanato, onde passaram para nós, tivemos essa autorização, começamos a fazer o artesanato ali. E a gente olhando a cidade, percebendo a cidade. A cidade tinha até uma loja de artigos religiosos, a gente acabou vendo que a cidade era muito mística, via muitas velas acesas, muitos locais acesos, muitas oferendas para Iemanjá. E como eu era Presidente da Federação de Cultos Afro Brasileiros – eu acabei mandando aí para vocês, acho que deve estar na mão de vocês – como eu era Presidente da Federação de Cultos Afro Brasileiros, eu acabei levando a ideia para o Presidente da Federação e ele achou bacana, achou válido, e eu voltei com o meu jogo de búzios, onde eu ia montar uma sub sede. Eu era Vice-Presidente da Federação, acabei passando para o cargo de Delegado Regional, era Diretor Regional do Litoral, onde a gente ia montar uma sub sede, estava em preparação toda e montei uma barraca de búzios, jogos de búzios. Comecei a atender, bem dizer, quase a cidade toda, e a gente já teve problemas antes de pôr a barraca, não queriam deixar. Aí a gente foi à Prefeitura novamente pedir autorização, foi onde eu conheci o Dr. Aldo Abagge e a família Abagge. Seu Aldo Abagge disse para mim que ele não conhecia da religião, que ele não era adepto a essa religião, mas ele não poderia proibir uma coisa que ele diretamente não conhecia direito, mas sabia que era direito constitucional essa religião nossa. Ali eu conheci a Beatriz, e a Beatriz começou a ter uma amizade com a gente. A gente fazia amigos nos jogos de búzios. A gente nunca teve terreiro em Guaratuba como dizem; a gente tinha uma sala, onde a gente fazia doutrinação, ensinando sobre o lado religioso, contando história do lado religioso, e não tinha terreiro, como o pessoal dizia diretamente. Foi aí que eu conheci a Beatriz Abagge,

onde ela começou a frequentar nossa casa. E no dia primeiro eu fui diretamente sequestrado da frente da minha casa. Fui raptado na frente da minha casa, encapuzado, jogado no chão de um carro, no solo de um carro. E uma arma encostada sempre, e o cara engatilhando e desengatilhando a arma. A gente perguntava o que era, apavorado, e ele dizia que era um matador profissional, que eu ia morrer. Senti esse carro andando parecia em um chão de asfalto e depois de um tempo pegou um chão de terra, onde pulavam pedrinhas na parte de baixo do carro. Passou também em um lugar que tinha água, tinha barulho de água, escutava água. Aí levou nós para um local que a gente ficou sabendo chamado 'Chácara', era o 'Ninho', eles chamavam de 'Ninho'. Era uma chácara, onde eu sofri diversos tipos de torturas; desde choques, afogamentos, pancadas no estômago. Eles amarravam alguma coisa na mão, a gente tinha um pano ou alguma coisa na mão, que eles batiam pelo corpo; onde foi tirada minha roupa, amarrado vários fios de choque nos dedos e no pênis também; enfiavam a cabeça da gente tanto no banheiro, onde enfiavam um pano e tampavam a descarga, quando a água acabava eles enfiavam, não sei se era um tanque ou o que era, um negócio muito fedido, enfiavam a gente ali com a mão para trás, dando choque, e queriam que a gente contasse a história. Eu contei a minha história desde que eu cheguei. Quando eu cheguei, contei minha história e eu não sabia o que queriam; e sempre mandando eu contar história, história, história, e eu contando, contando, até que perguntaram 'O que aconteceu de importante na cidade?'. Eu não sabia dizer o que aconteceu de importante na cidade, eu não era da cidade, até que chegaram em um ponto: Evandro Ramos Caetano. Queriam saber sobre a criança. Eu disse 'Desconheço, não sei dizer sobre a criança'; 'Você está mentindo, você foi junto com o Davi procurar essa criança no dia que sumiu'; e eu falei 'Não Senhor, eu nunca fui'; 'Você foi'. Eu sofri um monte de tortura, sofri um monte. Eles queriam que eu confirmasse que eu fui procurar essa criança, onde eu fui procurar a criança, eu não sabia, eu não sabia, não conhecia, não sei dizer onde foi a criança até hoje. E quem foi procurar essa criança, que a gente sabe, foi o Davi e o Vicente de Paula, mas eu fui acusado que seria eu que teria ido procurar essa criança, queriam que eu falasse. Nossa, foi horas e horas ali, cheguei até a desmaiar, sofrendo um monte. Eu dizia 'Senhor, eu não sei, mas mataram a criança'; 'Não, Senhor, fui eu que matei então', queriam que falasse que matei. 'Quem matou a criança?' Chegou uma hora que eu não aguentei mais, sabe? A gente foi preso às dezessete horas do dia primeiro e eu fiquei sofrendo tortura até a madrugada do dia três, sofrendo várias torturas, tanto na chácara, que chamavam de 'Ninho', e a gente ficou sabendo que a chácara pertence ao pai do Diógenes, e várias vezes escutando conversa. Quando eles jogavam garrafa, eles viviam bebendo ali dentro, jogavam garrafas, garrafas estouravam e eles diziam 'Não sujem muito e cuidado com as paredes, porque o Diógenes vai achar ruim'. Sempre o nome do Diógenes naquela chácara, a gente tem certeza disso. Fomos levados também para a mansão do General Stroessner, sofremos tortura lá também e

sofremos tortura também no quartel da Polícia Militar de Matinhos. Nessa chácara, chegou uma hora que a gente não sabia o que dizer. Vou dizer uma coisa para vocês: o ser humano muitas vezes diz que não tem medo de morrer, somente quando ele vê a morte de frente, quando ele enfrenta a morte, que ele percebe que a vida é linda, que tem medo de morrer. Sim, eu fui covarde, tive medo de morrer, tinha certeza que eu ia morrer ali, tinha certeza disso e acabei falando. Eu não confessei nada, eu dizia coisas que eles queriam que eu falasse, eu disse 'Não, matei sim a criança'; 'Como você matou essa criança?'. Eu nem sabia como a criança tinha sido morta, eu nem sabia de nada, até aquele momento, como a criança tinha sido morta. Eu disse 'Eu estrangulei'; 'Com o quê?'; 'Com as mãos'; 'Não, não era com as mãos', e enfiavam a cabeça da gente lá, com as mãos para trás, e tinha que bater palma quando queria falar alguma coisa e eles tiravam a cabeça da gente de dentro da água. Aí, eu não aguentava mais, respirava e batia palma, falava alguma coisa, tentava, pedia 'Por favor, amigo, para' e de repente 'Não fui eu'; 'Como foi?'; 'Estrangulei'; 'Não, você não estrangulou'. Meu Deus, eu via nos filmes que a maioria das mortes era por estrangulamento e acabei falando. 'Estrangulou com o quê?'; 'Cadarço'; aí lembrei 'Uma cinta'. Eu não sabia como aquela criança tinha sido morta até ali, até ali eu não tinha visto as fotos que eles tinham mostrado para a gente, e a gente acabou falando e dizendo várias vezes isso. Pelo que consta nas fitas, tem mais de onze, dez vezes que eu confirmo o que foi falado, o que foi dito, e eles diziam que não. Aí parava aquela fita, deixavam a gente tentar respirar um pouco e diziam 'Não foi você, não foi você'. Tinha uma pessoa ali com uma voz meio estranha, uma voz meio fina, que a gente tem quase consciência, não podemos acusar diretamente, fazer a covardia que fizeram com a gente, mas tem quase certeza que o Diógenes estava na tortura. Ele estava direcionando essa tortura e a voz dizia 'Você não conhece a criança, não foi você'. Tinha uma pessoa ali que conhecia muito bem a criança, conhecia muito bem o pessoal que estava ali, estava dando detalhes para os torturadores que estavam com a gente. A gente percebia nos meios. Quando parava as fitas, falava, essa pessoa cochichava e a gente tem a convicção diretamente que era o Diógenes. Foi assim várias horas, várias horas a gente passando por isso, várias horas a gente sofrendo por isso. Eu tenho até hoje aqui na mão – eu mandei uma foto para vocês, não sei se podem mostrar ou não – eu tenho as mesmas marcas que a Beatriz Abagge tem na mão, as marcas das torturas, os mesmos dois pontinhos idênticos. E a gente não é irmão gêmeo e temos a mesma marca. De nascença não é; nasceu essas marcas nas torturas que nós sofremos. Presenciei a Dona Celina passando por coisas horríveis ali, presenciei a Beatriz Abagge passando por coisas horríveis ali. Cheguei a ver a Beatriz, me levaram para junto dela, tiraram o capuz e perguntaram se eu conhecia quem estava ali. A Beatriz estava completamente desnuda, tinham fios amarrados na ponta dos seios dela, onde eu vi pela primeira vez o que eles tinham. Eles tinham uma maquininha que parecia um apontador de lápis, que eles rodavam, e a Beatriz chegou a se urinar com aquilo. Eu, já

não aguentando mais, já passando horas, não sei que horas era aquilo, passei a madrugada inteira, desde as dezessete horas até que horas do outro dia, não sei que horas mais que era. Eu acabei dizendo 'Beatriz, pelo amor de Deus, estão matando a gente, Beatriz. Fala, Beatriz'. Até ali o momento, eles estavam pondo a convicção na cabeça da gente que a Dona Celina e a Beatriz eram culpadas, e até certo momento a gente falava que não, que não, eu não sabia. Falei: 'Vou morrer'. Eu assumi que tinha sido eu porque eu achei o quê? 'Vão me levar para um advogado, vão provar que não fui eu e vai ser provado tudo'. O medo de morrer, o psicológico, as coisas que faziam com a gente acabou sumindo, só que eu não sabia se tinha mais pessoas, se não tinham pessoas, quem fez, quem não fez. Aí diziam 'Foi a Beatriz Abagge e Celina Abagge que fizeram, que raptaram a criança'; aí eu dizia, repetindo 'Foi a Beatriz' quando mandavam, 'Foi a Celina', e de repente apareceu o nome de Vicente e Davi. Eu não lembro diretamente o que falaram ali na hora, aí apareceram do Vicente e foram sempre trazendo. Eles queriam sete pessoas; não sei diretamente no momento, eles tinham uma lista na mão com vários nomes de pessoas. Outra coisa também: eles tinham fotos com os laudos, e eu acho que era do corpo da criança. As mesmas fotos que o Dr. Paulo mostrou no depoimento dele. O Grupo ÁGUIA, que torturava nós [sic], tinham na mão essas fotos. Eles mostravam para nós, faziam a gente mostrar com o dedo 'Era assim, assim, assim'. Inclusive levaram para fazer uma acareação na Celina, na serraria da dona Celina, do Dr. Aldo Abagge, e pegaram uma criança, um rapaz, não sei dizer a idade, onde queriam mostrar como eles tinham ensaiado a gente para mostrar aquelas fotos. Não sei como eles tinham aquelas fotos na mão; eles tinham todos os detalhes de como seria ali e mandavam a gente falar sobre aquelas fotos. Isso eu já passei também em depoimentos passados que eu dei sobre isso que estou dizendo. E na própria serraria falaram que estava dentro de uma casinha. Foi feito sim um trabalho ali na serraria do Dr. Aldo Abagge, com pipocas, grão de milho, porque os elementos da natureza representam os orixás. Foi jogado pipoca, foi batido folha, foi feito uma casinha, onde foi posto uma vela branca. Sim, eu tenho essas marcas até hoje, e se alguém quiser me levar fazer qualquer exame, fazer qualquer comprovação. E tenho também não só aí; meu pênis tem várias marcas do choque, no meu pênis, e estou à disposição se alguém quiser me levar para fazer qualquer contraprova sobre o pênis, também do que eu estou falando. E tenho problemas sérios também hoje de saúde, que estou passando, enfrentando. Inclusive estou até fazendo exames médicos hoje muito sérios, que eu estou com uma hérnia, uma úlcera, e essa hérnia foi passada para mim que ela vem devido a muitas pancadas, tosse ou tentar evacuar sem conseguir. Eu tomei muitas pancadas no estômago com alguma coisa amarrada na mão deles. Eu sofri muito, fiquei um ano e oito meses em uma ala de segurança máxima na friagem, então peguei muitos problemas que enfrento hoje. Só hoje, depois disso tudo, que estou com coragem de procurar um médico. Até dias atrás eu não tinha coragem de nada, tinha medo de tudo, medo de me expor, de pôr meu nome. Hoje eu

descobri que estou com uma coisa muito séria, está estourando, está sangrando isso, tudo isso que me causaram, que eu passei. Então, eu fui sequestrado na frente de casa, fui torturado tanto na chácara, tanto na casa do Stroessner e tanto no quartel da Polícia Militar de Matinhos. Fui ameaçado também na Secretaria de Segurança Pública. Tinha um Senhor chamado Favetti, eu falei ‘Senhor, preciso de um advogado’. Tanto em Matinhos também a gente foi levado para falar com uns Senhores, nem sei quem é, se diziam Promotores e eu falei ‘Senhores, tudo é mentira’; e falou ‘Não, não quero saber, a gente quer saber aquela outra história’; ‘Senhor, não tem outra história’. Tiraram nós da sala, apanhamos novamente, e a P2 junto sempre acompanhando. A gente presenciou, não sabia quem era antes, mas eles falavam assim ‘É, vocês são uns merdas, vocês são’ – desculpem a palavra, mas eu estou dizendo como diziam. ‘O Grupo TIGRE é um grupo de porco, a Polícia Civil são todos porcos, caminham pelo chão, se rastejam pelo chão, nós somos superiores que a Civil, nós voamos por cima’. Até ali eu não sabia o que era isso que eles falavam direto, depois fiquei sabendo que eles diziam que era ÁGUIA, que era o Ninho da ÁGUIA. A Polícia Civil disse que o Grupo TIGRE e o Dr. Adauto não passavam de porcos, por isso que nunca descobriu nada. Outra coisa que quero deixar, que acho importante. O Promotor Paulo disse ‘Mas o Grupo TIGRE já tinha direcionado o Osvaldo Marcineiro como suspeito’. Quem era o único pai de santo da cidade? Era Osvaldo Marcineiro. Quem era que o Diógenes tinha acusado? Era Osvaldo Marcineiro. Então, para quem seria direcionada a investigação? Para Osvaldo Marcineiro. E pelo que estou sabendo, teve até pessoa infiltrada dentro da minha casa (**ÁUDIO INAUDÍVEL**). Ficaram dias e dias e não acharam nada, nunca viram nada, não encontraram nada, porque a gente nunca teve nada para ser encontrado com nós [sic]. E sempre chamando a Polícia Civil de porcos. E queriam que a gente falasse que a Polícia Civil era mandada pelo Aldo Abagge, que era mentira, a gente nunca soube sobre isso. Davam chá para nós e a gente esmagava alguma coisa, a gente sentia batendo alguma coisa, esmagava e davam algum chá com uma água para a gente tomar. Um gosto amargo, amargava a boca, deixava a cabeça da gente meio confusa. E quando fomos levados para a Secretaria de Segurança, fomos ameaçados pelo Favetti a ser jogado para a multidão se a gente não falasse tudo certinho que queriam, da forma de que queriam e do jeito que queriam. E assim foi ensaiado, a gente seria jogado para a população, onde seria linchado. A gente tomava tapas, petelecos dos próprios funcionários dentro da Secretaria, incentivados por eles. O próprio Dr. Favetti perguntou, não sei quem estava com ele, ‘Como é o nome do seu pai? É Eduardo, né? Tem filhas?’; e falei ‘Tenho, uma chama Fernanda, Patrícia e Janaína’. Eu tremi na hora, só que eu não percebi que já podiam talvez já saber ou eu talvez na tortura posso ter falado. Eles falavam assim ‘Onde estão eles?’. Eu não queria falar. ‘Não se preocupe, estão com nós aqui, se você falar a verdade, falar tudo aquilo que nós ensinamos, do jeito que nós ensinamos’ – essa verdade mentirosa que passaram para nós – ‘Você vai embora com eles, se não você vai ver o que vai

acontecer com o seu próprio pai. Teu pai também tinha terreiro, mexia com espírito, é bruxo também, é macumbeiro igual você'. Eu tremi na hora, que iam fazer alguma coisa com a minha família, e eles falaram 'Se falarem certinho', e mandaram a gente falar um nome na hora ali, eu não conseguia falar aquele nome e apanhei um monte. Eles queriam que eu falasse um nome de um tal de 'Buda', Aníbal Khury, dizer que o Aníbal Khury já tinha feito trabalho, já tinha sido mandado fazer algum trabalho por ele, e perguntou 'Você vai falar?'; e eu falei 'Falo'. Na hora eu falaria qualquer coisa. É só na hora que você vê a morte... O ser humano diz que não tem medo da morte, mas na hora que ele sente na pele, ele tem sim. Na hora a gente não conseguiu lembrar, eu não consegui lembrar na frente da televisão, das câmeras, o nome do Aníbal Khury. Apanhei um monte depois, porque eu não falei, não sei por que queriam que eu falasse o nome do homem, eu não conhecia o homem, não conhecia de política, acabei não falando, acabei sofrendo um monte porque eu não falei. E se a gente lembrasse na hora, teria falado, teria envolvido essas pessoas inocentes também. Fui levado para o IML, o IML não deixaram mostrar a gente, eu estava com uma blusa de manga comprida que tampava, puxaram as minhas mãos, tampando a blusa toda. O médico bem dizer nem olhou meu corpo; levantei de leve, viu algumas marquinhos, não deixaram examinar. E lá no quartel de Matinhos eles queriam que falasse mais nomes, perguntando mais coisas, e alguém falou assim 'Não, já temos sete, vamos logo que o homem está esperando'. Eu não sei quem era o homem que estava esperando, se tinha algum homem esperando na capital; eles diziam que era urgente, que o homem estava esperando. Não deixaram envolver mais pessoas diretamente, e lá no IML a mesma coisa. 'Não, não senhor, vai ter que ir logo, porque o homem está esperando, nós temos autoridade e temos que levar ele logo'. Não deixaram o médico examinar a gente também. Fomos levados após isso para o Ahú, onde sofremos novamente várias torturas – não torturas diretamente, aí já não foi tortura, foi mais espancamento e psicológico. Teve um dia que, se eu não me engano, bem no comecinho, uns dez dias, onze dias depois, o Dr. Cioffi Moura estava lá junto. Tiraram nós, nós apanhamos na frente do Dr. Cioffi Moura, ele viu nós sendo apanhado [sic] e disse 'É pouco para vocês. Vocês tinham que ser feito realmente como o Favetti diz, jogados na praça. E vão ser jogados ainda se vocês não cooperarem. É muito pouco para vocês ainda, pelo que vocês fizeram', acusando nós. O homem parecia que estava doido, o homem parecia que estava louco, viu a gente apanhar lá. Eu nunca conheci como o Ministério Público poderia agir dessa forma. O que eu estou dizendo tem prova disso, só que chegou uma hora que a gente não aguentava mais, já tinha certeza que minha família já devia estar escondida ou fugido, e eles não iam pegar minha família. Não sei se caiu. Ali a gente já tinha certeza que a família nossa já tinha fugido, escondido, que não iam pegar meu pai e meus filhos mais. A gente falou 'Que morra de vez', porque a gente estava aguentando aqueles choques, aqueles afogamentos, mas pancada? Eles iam quebrar a gente e eu acabei dizendo 'A partir de hoje, não vamos mais mentir, que

matem'. E aí eu falei para o Cioffi, por isso a gente apanhou, porque a gente disse que não ia falar mais. Aí falei 'Tá bom'; ele disse 'Fale'; e eu disse 'Eu falo'. Eu estava todo arrebetado, minhas costas toda marcada, roxeada, a camisa todo sangrando. Ele mandou que a gente se trocasse, se lavasse, tirasse aquela camisa sangrando, pôr uma outra roupa, tirar a marca do sangue, só que na hora eu não tirei a camisa; eu fiquei com a camisa de sangue por baixo, pus minha blusa tampando por cima e fui. Era uma acareação para a Dona Celina e com a Beatriz Abagge. Tinha um Senhor chamado Dr. Luiz Carlos de Oliveira nessa acareação. Ele perguntou 'Qual o seu nome?'. Eu falei meu nome e ele falou 'Você sabe do que está sendo acusado?'. Falei 'Assim, assim, assim e assim', e falou 'Você é culpado? Você deve isso?'. E eu falei 'Não Senhor, eu não sou culpado, eu não aguento mais, estão me matando, estão acabando comigo', e até falei 'Me mate de uma vez, Senhor, acabe comigo'; 'Calma, eu não vou te matar, o que está acontecendo?'; falei 'Posso falar com o Senhor sozinho então um pouco? Posso falar?'. O Promotor ficou doido, começou a dar soco na mesa e disse 'Onde já se viu um réu, um preso, querer falar com o Delegado e não com o Promotor?', e eu disse 'O Senhor está vendo eu apanhar, o Senhor está vendo o que está acontecendo comigo e o Senhor não está tomando providência'. Eu acabei falando com o Dr. Luiz Carlos, mostrei pra ele minha roupa cheia de sangue, mostrei minhas costas cheias de hematomas e disse 'Senhor, eu não aguento mais', e ele 'Não, eu estou aqui para ouvir a verdade, então o Senhor me fala a verdade'. Ele foi um anjo, foi o primeiro anjo, foi a primeira pessoa que apareceu em nossa vida, que perguntou 'Você é culpado ou você é inocente?'. Até ali eu era só o culpado, ninguém queria saber a verdade. Teve jornalista que veio e tentou contato dentro do COTI, uma jornalista, uma morena, a gente tentou falar para ela e ela falou 'Não, essa história eu não quero ouvir, eu quero ouvir aquela outra história'. Ninguém queria ouvir a história verdadeira, queriam ouvir a história que montaram, a história que tramaram para a gente, sabe? Então ali, esse Senhor eu acho que foi um anjo, Dr. Luiz Carlos de Oliveira acho que tem Deus no coração. 'Conta a verdade'; foi a primeira vez que eu tive oportunidade na minha vida de contar a verdade. Hoje, vocês todos, desculpe eu falar todos, mas todos que me acusaram até hoje dizem 'Você confessou', eu nunca confessei nada, eu só falei o que mandaram. Quando eu pude confessar e contar a minha história, foi para o Dr. Luiz Carlos de Oliveira; tanto que ele mandou eu assinar o papel, me deu uma caneta, se eu não me engano Montblanc, não lembro o nome, uma caneta bonita, e o Promotor avançou em cima de mim, deu um tapa, tirou a caneta, me deu uma Bic e falou assim 'Um bruxo, um macumbeiro, um feiticeiro não tem direito de pôr a mão nessa caneta'. Cioffi Moura fez isso comigo, pode chamar o Dr. Luiz Carlos, pode perguntar para ele, se eu tiver mentindo pode me dar **(ÁUDIO INAUDÍVEL)** por eu estar mentindo sobre isso. Passei, sofri por isso, o Dr. Luiz Carlos viu a caneta, ele que me deu a caneta, não sei se a caneta era dele mesmo ou não, a caneta, e foi tirado da nossa mão, porque eu não tinha direito, não tinha direito de usar a caneta,

não tinha direito de usar uma caneta especial, tinha que usar uma Bic, uma caneta Bic. Não sei se era o Diretor ou o Subdiretor, ele disse que eram os presos que estavam fazendo com a gente. Mentira. Tivemos apoio total dos presos, tivemos apoio completamente dos presos. Quem estava fazendo isso eram os próprios guardas. E parece que o Dr. Luiz Carlos abriu um processo, não sei se foi ele que abriu ou quem foi que abriu, e nós fomos para o 4º Distrito Policial, onde a gente foi reconhecer os agentes que estavam espancando a gente. Então, a gente quer que Deus abençoe o Dr. Luiz Carlos pelo coração, pelo verdadeiro que ele foi com a gente. Ele foi o único que teve coragem de perguntar, de procurar a verdade, buscar a verdade, essa é uma pessoa que tem Deus no coração. Dali, como a gente tinha falado das torturas, fomos reconhecer e acabaram tirando nós dali, jogaram nós acho que é PCC, em uma ala de segurança máxima, onde ficamos um ano e oito meses em uma ala de segurança máxima sofrendo torturas, apanhando um monte nessa ala. Não deixaram a gente cortar o cabelo, a gente não podia cortar a barba, não podia tomar banho, não tinha direito a nada. E sempre falavam, tanto em Matinhos, aqueles que se diziam Promotor, quando eu falei 'A gente pode pedir um advogado, ligar para um advogado?'; 'Não, vocês não têm direito. O único direito que vocês têm é o direito a não ter direito a nada', então a gente nunca tinha direito a nada, nunca. Em nenhum momento eu tive advogado. O Promotor disse que a gente confessou as torturas porque foi instruído por advogado. Mentira, mentira do Dr. Paulo. A gente não tinha advogado em nenhum momento, nem em Matinhos, nem quando foi falar com o Dr. Luiz Carlos; em nenhum momento a gente tinha advogado, nenhum advogado instruiu a gente. Sobre o que o Promotor disse também, que ele tinha bola de cristal, é mentira. O Dr. Figueiredo Basto, que hoje é meu advogado, a gente contou para ele na época, a gente foi falar com ele, acho que já tinha passado uns três anos ou pouco, não sei quanto mais a gente estava preso. A gente contou para ele sim que fomos torturados, contou das fitas para ele, que víamos gravando, que faziam a gente gravar, então por isso que ele sabe, que ele deve ter falado das fitas. Sofremos um monte também na PCE, que lá para quem não sabe é prisão das prisões, só quando o preso comete alguma coisa muito grave lá dentro é que ele vai para o castigo. Nós temos o castigo máximo, a solitária, sofremos ali bastante, tivemos bastante espancamento ali dentro. Ali fomos levados para falar com a Dra. juíza, Dra. Anésia, onde tanto a Dra. Anésia como outra pessoa estavam também nas torturas nossas. A gente sentiu, viu, escutou as vozes dela lá dentro. Tinha ela e mais uma outra pessoa que eu não sei dizer o nome, tanto que eu já falei sobre o sapato vermelho dela, tinha a roupa vermelha dela. A Dra. Anésia foi conivente também com a tortura, junto com o Dr. Cioffi Moura. Então, a gente não acreditava mais em nada, não acreditava mais em ninguém, por isso tanto que eu sumi, não quis nem aparecer na série da Globoplay. Então, é isso que eu tenho a dizer. A gente sofreu muito, passou muita tortura, sofreu bastante coisa na mão do pessoal, sempre passando por isso, e depois a gente acabou saindo. Eu fiquei preso

de 1992 até 1996, fechado. Em 1996, eu saí para a prisão domiciliar. Em 2003, me prenderam de novo, me acusaram de 171, no qual é mentira, me puseram também em uma coisa que foi provada em juízo que eu não devia aquilo, eu fui inocentado e, mesmo inocentado em juízo, veio o alvará de soltura do 171 e não me soltaram. Me condenaram e me levaram para um julgamento, e me condenaram, e mesmo tendo um direito a ter pelos anos que eu fiquei preso, já podia ter saído direto, geralmente ir embora, não deixou, eu fiquei até a virada de 2007 preso também. Fiquei vários anos, de 1992 a 1996, depois 2003, a virada de 2007 em regime fechado, fora as prisões, que foi domiciliar e fiquei cumprindo o meu regime até 08 de maio de 2015, cumprindo condicional. Cumpri de pena a rabo, não tive direito a nenhum benefício, não tive direito a nenhuma ajuda, não tive direito a nenhuma assistente social, não tive direito a nenhuma psicóloga, nada, não tive direito a nada. Em 2015, acabou minha condicional. Em 2007, acabei saindo sem poder fazer nada, sempre correndo de um lado para o outro, tentando me esconder, com medo da população, onde eu sou julgado como bicho, como bruxo, uma intolerância religiosa muito forte sobre a gente, umas pessoas que não tiveram em nenhum momento um pouco de pensar no ser humano. Acabei tentando lutar pela vida, meus filhos passando necessidade, passando fome. Acabei montando duas vezes restaurante, onde acabaram me reconhecendo como bruxo, tive que fechar, perdi tudo. Acabei montando uma auto elétrica, essa auto elétrica eu acabei montando, tive que fechar ela também, porque o vizinho de um lado, filho de vizinho de um lado, um dia que estava comemorando o aniversário, um churrasco, o filho do vizinho virou para mim e disse assim 'Tio, o Senhor vai me matar também? O Senhor vai comer meu coração, tio? O Senhor vai comer o coração da minha irmãzinha?'. Tivemos que escutar isso, aí onde o pessoal todo ali, funcionário, pessoal todo, aí o pai da criança tentou ajudar 'Não, é que meu irmão escutou que você era o bruxo lá de Guaratuba'. Resumindo, tive que fechar a auto elétrica, perdi tudo de novo, perdi uma vez restaurante, a segunda vez restaurante, terceira vez auto elétrica, passando necessidade. Hoje passo necessidade, passo muito aperto. Tenho hoje um serviço de *delivery*, moro hoje afastado da cidade, onde não consigo nem me manter com o que eu tenho. Estou passando problemas tanto de saúde, por tudo, isso causou à gente. Perdi meu pai, meu pai foi embora, ele pediu 'Pelo amor de Deus, ajudem meu filho', perdi minha mãe, perdi minha irmã, tudo nesse sofrimento que causaram para a gente. Meus filhos não puderam estudar, tiveram que afastar da escola, onde diziam, escreviam nas paredes, na lousa 'Os bruxos, os bruxinhos'. Minhas filhas também passaram problemas, as três meninas. Quando eu saí em 1996, para vocês entenderem, eu conheci uma pessoa. Tive dois filhos com essa pessoa, e eram pequenos, eram novos em 2003, quando fui preso de novo, mesmo assim não tive direito a nada. Meu pai faleceu, pedi para ir ver meu pai e aquela mesma história 'Você tem direito de ter direito a nada'. Não pude nem me despedir do meu pai. Acho que é um direito que todo mundo tem, direito de ter um advogado, e em nenhum momento eu

tive esses direitos. Outra coisa que quero deixar para vocês, que dizem sobre 'Mas as testemunhas de vocês, o que aconteceu?'. Acho que vocês devem ter visto o que aconteceu com a casa de Antonio Costa. Ele acordou, não sei que horário foi, estourando a casa dele, acusando ele, dizendo que tinha alguma coisa ali, tanto que acharam o alguidar. O Promotor Paulo já mentiu de novo, disse que tinha sangue ali dentro, e não tinha sangue ali dentro. Eu duvido que tinha sangue ali dentro. Se fosse sangue humano, porque a gente quando faz qualquer trabalho relacionado ao alguidar, ele é desmagnetizado, ou ele é desmagnetizado com álcool ou você pega ele, põe um pouco de cachaça na boca e assopra três vezes. Aquela cachaça no alguidar pode ter tido sim alguma saliva, alguma coisa, mas fora isso eu desafio a provar que tenha sangue de alguma criança ou de alguma coisa ali. Sempre foi assim, sempre foi acusando, sempre postando na imprensa, a imprensa sempre batendo em cima da gente. Outra coisa: o pessoal diz muito sobre o Exu. O Exu é o mensageiro do homem e dos orixás, não é o que a pessoas pregam. Outra coisa que quero deixar para vocês, que vocês talvez chamassem alguém que conhecesse do espiritismo, alguma pessoa de Federação, alguma pessoa que pudesse explicar melhor. O Dr. Paulo falou que tinha semelhança de casos que tinha todos os dedos cortado. Quando se faz esse tipo de trabalho de um animal, ele não é cortado dedo, ele é tirado uma junta inteira, a asa inteira dos animais, é tirado as duas asas inteiras, o braço inteiro do animal, ele é tirado e é tirado os dois pés inteiros também, e o pescoço todo é arrancado, ele é tirado, ele é cortado fora, não fica o pescoço no corpo, não é sangrado no corpo, porque em cima do alguidar você monta as asas do animal, monta o pescoço do animal, monta os pés do animal, é montado. Diz que tinham muitas evidências, que era muito parecido de ritual. Mentira. A Umbanda, o Candomblé, são religiões puras, são religiões que contam com instituição. Infelizmente, essas acusações foram muito sérias para muitos pais de santo, muitas pessoas de terreiro foram acusadas também, passaram por coisas por culpa dessa intolerância. A gente hoje tem a realidade de uma coisa só. Precisavam dar uma resposta para a sociedade, tinham que responder sobre essas crianças que estavam desaparecidas e fizeram o quê? Pegaram as loucuras do Diógenes, as coisas que o Diógenes falava, acataram isso, caiu como uma luva encaixada bem, usaram isso, onde usaram a intolerância contra a gente, onde usaram as acusações, diretamente tudo contra a nossa pessoa, que a gente estava passando e acabamos sendo acusados de uma coisa que não existiu. Tenho muito a dizer isso, tenho a dizer a vocês também que eu respeito muito o Ministério Público, mas o Dr. Paulo não tem como a gente respeitar, não tem como respeitar. Ele se mostrou ser muito leviano e covarde. Vir aqui em público e mostrando imagens de corpo, sem respeitar as próprias famílias e o horário, que eu acho que talvez tinha criança assistindo ou não, e ainda assim acusando a gente. Minha filha mesmo passou mal e soube de mais pessoas que acabaram passando mal vendo aquelas imagens. Ele acusando ainda uma pessoa que não pode nem se defender, o Vicente de Paula Ferreira, acabou morrendo no presídio

sem poder ver a inocência dele, sofrendo muito lá, e ele acusou tanto o Vicente, como acusou a minha pessoa também de uma outra criança, uma tal de Sandra, Sandrinha se não me falhe a memória agora. Uma coisa que disse que aconteceu há trinta anos atrás. Então eu pergunto: se aconteceu há trinta anos atrás e ele tinha essa evidência, ele tinha tudo, por que ele não abriu um inquérito contra a gente? Por que ele não abriu um inquérito para provar para a família dessas crianças? Agora ele vem querer jogar nós com a mídia novamente, igual fomos jogados? A gente já foi muito jogado na mídia, que nem ele diz que 'A mídia já condenou nós'. Claro, ele mostrou essas coisas jogando nós para podre de novo, lógico que a mídia vai condenar. Poderiam ter vindo novamente aqui onde a gente mora, embora a gente está meio escondido até, poderiam acusar meus filhos de novo, poderiam fazer mal para a gente de novo, por quê? Porque ele foi em rede pública e foi mostrar uma fotos e dizendo que a gente fez aquilo. Essas fotos mesmo, que a gente viu nas torturas quando nos torturaram, queriam que a gente falasse igual, então eu acho que foi muita falta de caráter, de ética do Dr. Paulo, acusar a gente, mostrando diretamente, falando essas coisas sobre a gente. Eu acho que ele não se importa com a dignidade das pessoas, e esse achismo dele, foi o achismo dele que nos condenou na época. Esse novo achismo dele podia ter jogado a gente para podre de novo. Então eu digo uma coisa ao Dr. Paulo: eu desafio ele, desafio ele mesmo a trazer essas provas, acho que eu até peço, abre um inquérito contra a gente, prove judicialmente que a gente deve, mas não faz isso com a gente não, Dr. Paulo, não joga a gente para podre assim não, a gente tem família. O Senhor disse que protege as vítimas; as nossas famílias são vítimas também, a família da Dona Celina, a família do Bardelli, do Davi, do De Paula, do Sérgio, todas são vítimas também, igual a família das crianças. Não faz isso com a nossa família não, não joga a gente para podre, jogando a população como vocês já fizeram, como a imprensa marrom fez com a gente. Então eu peço que o Senhor, Dr. Paulo, o Senhor tem prova? Eu até peço, abre uma sindicância contra a gente, prove, mas se não tem prova, Dr. Paulo. Eu vou dizer uma coisa para o Senhor: eu vou processar, vou entrar com um processo contra a sua pessoa, para o Senhor poder provar que a gente fez aquilo tudo. O Senhor não ia em rede aberta e acusar a gente sobre isso. O que eu acho é que se o Senhor tivesse essa prova, teria investigado, o Senhor devia ter mostrado, devia ter aberto lá na frente esse inquérito, mas o Senhor não fez até agora. Então, peço que Deus ilumine o coração do Senhor. O Senhor disse que é uma pessoa muito apegada a Deus, que Deus abençoe e ilumine, que ponha a veracidade no coração do Senhor. Sobre o Diógenes, eu tenho convicção perfeita que tudo partiu do Diógenes. Não vou dizer que ele seja culpado de morte de criança, isso aí eu não posso dizer, eu não posso acusar como nos acusaram, mas o Diógenes, eu não entendo até agora por que ninguém chamou o Diógenes para conversar. Por que autoridade nenhuma foi ver como que o Diógenes sabia tantos detalhes? Como o Diógenes sabia os detalhes do caso todo que ele contou? Onde ele tirou isso? Hoje tem um livro, que ele conta

detalhes de tudo, e quem se preocupou até hoje de procurar saber por que o Diógenes sabe, como o Diógenes sabe? E o Dr. Paulo veio e disse ainda que tem convicção que os outros talvez não, mas que eu e o de Paula era inocente. Quer dizer que a tese do ritual satânico de sete pessoas virou um ritual de duas pessoas? Que o número sete já não diz mais, que o número sete não tem nada a ver mais, que hoje seria apenas duas pessoas? Então, eu acho que é muito estranho isso aí do Dr. Paulo. Seria duas pessoas e por que fomos condenados por um ritual? Todo momento chamavam de bruxo, de feiticeiro; a gente passou muito por isso. E quero deixar também nomes que a gente tem certeza. O Neves foi uma pessoa que torturou a gente bastante, comandou as torturas, e tinha um chamado Silvestre. São nomes que a gente lembra bastante que torturou, passou isso com a gente, a gente pode dizer abertamente que tem certeza e seria capaz até de reconhecer esse Silvestre também, porque em alguns momentos a gente era tirado o capuz da gente para a gente assinar um monte de papel. Se perguntar para mim 'O que você assinou?', eu não sei, eu não sei, eu assinei um monte de papel, assinei um monte de coisa. Eles tinham um monte de nomes, como eu disse, tinha as fichas, eu não entendo muito de processo, mas isso que o Dr. Paulo mostrou, aquelas fotos todas, aqueles papéis com os carimbos mesmo originais na mão deles, eu não sei onde eles conseguiram, de onde eles tiraram aquilo, então a gente assinou um monte de coisa assim. E vou dizer, em nenhum momento eu confessei; eu disse tudo que eu era obrigado a dizer, se não talvez teria morrido, talvez não sei o que teria acontecido, não sei o que teria passado com a minha pessoa, não sei dizer. Infelizmente, a gente fica sem entender como que foram dar tanta atenção para o Diógenes. O que o Diógenes conseguiu tão forte em cima disso? Isso aí não foi um ritual satânico não, foi um teatro macabro que o Diógenes armou e vendeu lá para cima, para o pessoal do Ministério Público, pessoal não sei de onde, da Secretaria, onde mandaram a P2, que fizeram o que eles fizeram, conseguiram fazer, jogar para a mídia, a mídia acabou abraçando, aplaudindo e ninguém procurou, ninguém quis saber diretamente. Ninguém nunca chegou para mim, fora o Dr. Luiz Carlos, e perguntou 'Você é inocente ou você é culpado?'. Foi o único anjo que perguntou para nós, que teve Deus no coração, que perguntou 'Você deve? Você é culpado? Me conte a história', que deixou a gente contar a história. Hoje eu agradeço ao Dr. Ney, que eu acho que também deve ser um anjo enviado também por Deus para querer ouvir a história nossa, chamar nós aqui, a vocês todos da comissão, que estão aí para querer ouvir e perguntar, a gente poder falar o que quer. Então, só o que eu peço também ao Dr. Paulo é que abra esse inquérito. Mas sem tortura dessa vez, né, Dr. Paulo? E não leve nós para a tortura, para deixar nós falar a verdade, porque tortura é insuportável, não tem quem aguente uma tortura, que suporte uma tortura. Hoje eu tenho os meus dentes quebrados, tenho meu estômago inchado, até esses dias atrás eu estava com medo de médico, estava com medo de tudo, estava com medo de aparecer; agora estou começando a ir em médico, um sistema muito grave, um problema muito sério de

saúde e tudo isso graças a essa acusação. Em nenhum momento, sem advogado, nenhum momento tivemos uma ajuda psicológica, ajuda médica ou qualquer coisa que seja, mas então não façam isso de novo comigo não. Não queira, Dr. Paulo, implantar essas acusações com a gente não. E outra coisa que eu não entendo, as fitas estão ali, eu acho que deviam periciar as fitas, ver se é verdadeira ou não. Dizem que eu e a Beatriz Abagge nunca estivemos juntos, eu nunca estive no Fórum, dizem que foi no Fórum que ela falou, onde tem aquela confissão minha e de Beatriz Abagge junto? Sofremos muito sim, a gente tinha testemunha, só que a testemunha de um bruxo não vale, a testemunha de um condenado ninguém quer ouvir. Agradeço vocês da comissão por estar ouvindo, por querer ouvir sobre a gente, e quero dizer uma coisa a vocês, a todos. Religião é uma estrada, religião é caminho; o destino é Deus, só existe um Deus, um Deus poderoso, um Deus único, um Deus verdadeiro que demora, mas ele mostra a verdade e está mostrando. Então, não importa qual religião você seja, tem que ter mais amor no coração todo mundo, tem que ter mais dignidade em saber que todo mundo é um ser humano, e mesmo seja um preso, que tenha prova concreta de que ele fez o crime, ele deve ter dignidade, não ser torturado, não passar pelo que nós passamos, pelo que nós sofremos. Foi muito cruel, muito cruel mesmo, muito. É complicado tudo isso que nós passamos, então a gente tem a dizer isso aí. Agradecer ao Ivan por essa coragem, essa audácia que ele conseguiu, ao Aly por aquela fita que ele fez. E outra coisa, Dr. Paulo: o Senhor disse também que a gente tinha condenado, fomos condenados sim pela população, só que hoje a população defende a gente. Hoje tem vários grupos até de Whatsapp, de Face, tudo, onde tem familiares de pessoas, tem um lá que tem mais de quinze mil pessoas, onde acreditam na nossa inocência, onde postam 'Os sete inocentes de Guaratuba'. Então hoje a população já não acredita nessa mentira que vocês prestaram, que vocês falaram, porque tudo que começa errado, no final acaba dando errado, Dr. Paulo. Pode ter certeza disso, que hoje a população acredita nisso, e a gente agradece à população por buscar a verdade, por buscar tudo isso". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: "Senhor Osvaldo, se o Senhor puder concluir nós agradecemos, porque ainda temos o Senhor Airton Bardelli para ouvir na manhã de hoje". **OSVALDO MARCINEIRO** continua: "Certo. Então, a gente quer dizer o seguinte: que o pau que bate em Chico, muitas vezes não é o mesmo pau que bate em Francisco. Que hoje estou dizendo que pode ser só dois, que não sejam os sete. Então a gente quer dizer isso aí, a gente quer agradecer vocês. Dizer por tudo que a gente passou, que a gente disse, e só finalizar uma coisa, disseram que a Andrea negou, deve ter passado muito medo a Andrea. Eu não sei se foi para vocês, não foi, mas eu posso mandar um bilhete que ela mandou para mim dentro do presídio. Está no processo, onde ela dizia 'Gato, eu te amo, nós vamos tirar vocês daí'. Mandou para mim lá dentro, foi entregue para mim, acho que está no processo, e ela gravou em cima do seio esquerdo meu nome e o dela. Era um amor tão lindo, a gente se amava e de repente a mulher... Tem uma parte que eu acho

que o Favetti diz ‘Temos que pegar agora os outros na cadeia’ e ameaçou todo mundo. E o Paulo, o Paulinho do Atabaque, eu não entendo por dizer que não estava lá. Tem várias pessoas que via, mas o medo... na época ninguém era meu amigo, ninguém era amigo do bruxo, ninguém tinha coragem de ficar como bruxo. Então, agradeço vocês todos, peço que Deus ilumine o coração de todos, ilumine o Grupo, que a verdade venha a aparecer ao que tiver que ser. Obrigado, pessoal”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Obrigada, Senhor Osvaldo Marcineiro pela confiança, pelo tempo aqui também disponibilizado nesse relato espontâneo. A equipe fez todas as anotações para que essas informações que o Senhor trouxe sejam também contempladas nos estudos que o Grupo está fazendo. Por fim, como último convidado, nós convidamos então o Senhor Airton Bardelli, para que faça o relato espontâneo acerca dos fatos e as contribuições que ele pode trazer ao Grupo”. **7. Relato espontâneo do convidado Airton Bardelli:** AIRTON BARDELLI relata: “Bom dia a todos, bom dia a todas. Eu quero agradecer primeiramente ao Dr. Ney e a esse Grupo de Trabalho, que está há semanas tirando do seu tempo bastante ocupado para ouvir relatos que possam nos ajudar, que possam esclarecer a verdade. Sobre a tortura eu não vou falar muita coisa, já foi tanto falado, está em fita, está em processo e todo mundo já ouviu muito da tortura. São coisas que doem muito no coração da gente e fazem a gente sofrer ainda mais. Eu vou relatar um ponto do meu relacionamento com a família Abagge. Começou no final dos anos setenta, mais ou menos. Comecei a trabalhar na indústria de madeiras Abagge, de propriedade do Dr. Aldo Abagge, primeiramente como guarda livros. A serraria antiga era nas Piçarras, próximo ao Canela, hoje é Marina Porto do Sol; mais tarde mudamos para o Mirim. Eu queria esclarecer que o meu relato vai começar no dia dois. Diariamente – o escritório da serraria era em frente à Prefeitura, ao lado da casa de Aldo Abagge, e a serraria era no bairro Mirim – diariamente eu ia na casa do Seu Aldo, quando possível, relatar. O Seu Aldo não podia administrar a serraria, por ponto de ser Prefeito, então quem cuidava da administração da serraria era eu. Eu ia relatar diariamente para ele tudo o que acontecia na serraria, a parte financeira, a parte de manutenção, parte de compra, parte de vendas, e no dia dois, chegando cedo, por volta de 07h30, 08 horas da manhã, abri o escritório e, como era de costume, desci até a casa do seu Aldo, na cozinha tomar algum café e relatava para ele o acontecido sobre a serraria. E no dia dois, chegando cedo, próximo às 08 horas da manhã, mais ou menos, me deparei com vários policiais na casa da Dona Celina. Policiais Militares, Policiais Federais e alguns policiais à paisana, onde invadiram a casa do Seu Aldo e a gente só escutava ele dizendo ‘Dona Celina, Dona Celina, a Senhora está presa’, e Seu Aldo pedindo o mandado de prisão. Ninguém mostrava nada, ninguém entregava esse mandado de prisão para o Seu Aldo, e por um momento começou a gritar que estava cercando a casa, e barulho de coisas caindo no chão. Eu estava na cozinha, onde alguém me pediu, a Bea me pediu, ela tinha gêmeos, nenês adotivos, pediu para tirar dali. Por

causa do tumulto, eles começaram a chorar, começaram a berrar. Eu tirei as crianças dali, pus no carro, levei até a casa da minha irmã vizinha, que morava próximo à praça; deixei as crianças lá, pedi para ela dar mamadeira, trocar as crianças, cuidar das crianças, e voltei à casa do Seu Aldo, vendo se ele precisava de alguma coisa, dando algum tipo de apoio a ele. Dali, a Dona Celina saiu, eu não acompanhei para onde, e sumiu. Durante o dia todo teve uma procura 'Onde está Dona Celina? Onde está Bea?'. Ninguém sabia dizer nada, ninguém relatava onde é que elas estavam, quando saiu um boato, próximo às quatro horas, que elas iriam estar no Fórum. Eu me dirigi até o Fórum e fiquei lá fora no Fórum, conversando com policiais, com amigos da família Abagge, com amigos meus, quando vi elas descerem de um carro não caracterizado da polícia. A Dona Celina e a Bea em estado deplorável, todas descabeladas, cabeça baixa. A Bea estava aparentemente toda molhada, cabelo molhado, a roupa até um pouco molhada, e foram levadas para dentro do Fórum. Ficaram por algum tempo ali e eu conversando com pessoas ali fora. Ninguém sabia o que estava acontecendo, só existia o boato da denúncia, mas não teria prova, não teria nada. Saindo dali, tiraram ela após isso e levaram para algum lugar, acredito que para Matinhos. Hoje, conversando, elas relatam que dali foram para o quartel de Matinhos. Voltei à casa do Seu Aldo, e o seu Aldo pediu para eu levar os gêmeos, as crianças, a empregada Rita, a Silvia também, que era uma menina que a dona Celina criava, mas junto, se não me engano, foi a Eloína. Levei até Curitiba, eles tinham apartamento na Visconde de Guarapuava. Fui com a caminhonete do Seu Aldo, levei, deixei elas em Curitiba, no apartamento, e retornei à Guaratuba. Eu estava nesse momento com a caminhonete do Seu Aldo. Cheguei na casa do Seu Aldo já de noite, e o seu Aldo falou que iria à Curitiba; algum sobrinho dele, os Abagge, iria levar ele para Curitiba, e pediu para eu permanecer na casa à noite, para cuidar da casa. Liguei para a minha irmã, pedi para a minha irmã buscar minha esposa em casa, que ela estava sozinha, eu morava só eu e ela, eu tinha uma filha do primeiro casamento que não morava conosco. Ali passei a noite, se não me engano o Travasso ou o Bruno, um dos dois, que eram dois funcionários, o Travasso Vereador e o Bruno também funcionário da serraria, passamos a noite ali. Eu, como sou fumante, várias vezes eu saía para fora da casa para fumar na rua. Fumei junto com policiais e conversando ali e tudo. No dia três de manhã cedo, como era uma sexta-feira e era dia de pagamento de madeireiros que trabalhavam semanal na extração da madeira na serraria, e eu estava com o dinheiro. Meu carro apresentava algum problema mecânico, tinha ido para a oficina e eu fiquei com a caminhonete do Seu Aldo. Dali, saí da casa de manhã cedo, passei na oficina, cheguei lá e estava o Gustavo, amigo nosso, estava o Dr. João Donato Moro também, ex-advogado da Prefeitura, e o Gustavo. Aí o Dr. João chegou e falou assim 'Bardelli, a polícia está te procurando, você quer sair da cidade? A gente tira você da cidade', e eu falei 'Não, não devo nada, por que eu vou sair da cidade? Eu não fiz nada, não devo nada, por que eu vou sair da cidade?'. Daí eu olhei ali o problema do carro, o Gustavo

ficou de arrumar, peguei a caminhonete até a casa da minha irmã, peguei a minha esposa e fui até a minha casa, que era próxima, umas três quadras próximo da casa dos pais do Evandro. Eu estava tomando um banho para ir trabalhar, para ver o que tinha acontecido na serraria e fazer os pagamentos dos madeireiros que extraíam a madeira, e minha esposa bateu na porta do banheiro e falou 'Está cheio de policiais ali fora', e eu falei 'Espere eu tomar um banho e eu já atendo eles'. Acabei de tomar banho, me vesti, saí para a sala e os policiais falaram assim 'Você nos acompanha?'. E falei 'Acompanho sim', daí falaram 'É bom você levar seu documento'. Aí tirei minha carteira, tirei a identidade, deixei o resto com a minha esposa, tinha um pouco de dinheiro ali, e na área eles perguntaram 'E a chave da caminhonete?'. Eu disse 'Está aqui'. Pediram a chave da caminhonete, entreguei para eles e dali me puseram em um carro da polícia e me levaram para o quartel de Guaratuba. Chegando ao quartel de Guaratuba, entrei em uma sala onde tinha policiais fardados, não sei se era Delegado, Sargento, o que seria, e me perguntaram 'Você fala o que você sabe?', e eu respondi 'Falar o quê? Não sei de nada, o que vocês querem saber?'. Daí ele já falou 'Não adianta, ele não vai falar'. Dali já me pegaram, me levaram para um vestiário da polícia, tinham banheiros lá, já me tiraram a roupa, me deixaram só de zorba, tinha uma manta estendida no chão, mandaram eu deitar ali e me enrolaram nessa manta, e com a mangueirinha do chuveirinho começaram afogamento, a me afogar. Me afogaram por algum tempo ali, haviam perguntas e eu não disse nada, não sei de nada, e insistiam para eu falar o nome de Dona Celina e Dona Bea. 'Quem mandou Dona Celina, quem mandou a dona Bea, que são as mandantes?', e eu falei 'Não sei de nada, o que eu vou falar?'. Me tiraram dali, falaram que iam me levar para a serraria, para a multidão me linchar, mas não. Dali eu voltei, fui levado ao quartel de Matinhos. No quartel de Matinhos, na sexta-feira, ali também fui um pouco torturado, não vou contar detalhes. Ali conheci o choque elétrico, que o Osvaldo comentou; é choque de dínamo, e sempre molhado, e dali em diante sempre encapuzado. O choque dói bastante nos dedos, na orelha levei choque, e à noite chegou pessoas, uma das pessoas depois eu fiquei sabendo, pela deficiência física, que era o Dr. Cioffi. Acredito também que o Secretário de Segurança na época, o Faveti estava ali. Foi tomado meu depoimento, eu até então não tinha advogado, quem me acompanhou ali foi o Dr. Bononi, da Prefeitura de Guaratuba. Me fizeram perguntas, eu sempre negando, dizendo 'Não, eu não sei de nada, eu não fiz nada disso'. Depois desse depoimento que eu prestei a eles, a minha família conseguiu me localizar. Minha irmã tentou durante o dia todo, não sabia onde eu estava, ninguém me achava, e um dos policiais, se não me engano o Sargento Travasse, que era de Guaratuba, estava lotado em Matinhos e ele falou para a minha irmã que eu estava embarcado em Matinhos. Deixaram eu por pouco tempo falar com a minha irmã, com o meu cunhado e com a minha esposa também em separado, onde eu falei que tinha apanhado, não falava em tortura naquela época, não falava tortura. Eu conversei com eles, depois que eles saíram eles falaram para mim 'Você falou que

apanhou, agora você vai saber o que é tortura'. Durante o sábado, fui torturado bastante também, à tarde bastante torturado. Me tiraram do quartel, me levaram para algum lugar em Matinhos, sempre encapuzado, onde por um determinado momento, após tanto me afogarem, detalhes iguais ao do Osvaldo, com a mão amarrada para trás, enfiando a cabeça em um tambor. Eles só tinham perguntas para mim e eu falava que não sabia de nada e eles mandavam eu falar, eles falavam frases, palavras para eu repetir, 'Mas eu não fiz isso, não vou falar isso'. E nesse intervalo você escutava um clique de gravador, de um botão ligando e desligando, insistindo para eu falar bastante 'Quem mandou Dona Celina, quem mandou a Beatriz', sempre pedindo o nome delas, dos outros não, sempre o nome delas pedindo para mim. Eu dizia que não fiz nada, que eu não fiz nada e que eu não sabia o que eu ia falar, porque eu não fiz, né. Em alguns momentos eles mandavam eu bater palma quando quisesse falar, e quando estavam me afogando eu batia palma, eles me tiravam, levantavam a cabeça, aí eu dizia 'Não, eu assino'; 'Nós não queremos que você assinie, queremos que você fale', daí me afogavam novamente, levantavam, batia palma, levantavam a cabeça, eles falavam as palavras que era para falar, eu não repetia, me afogavam novamente. Em um determinado momento, me levantaram o capuz, eu reconheci e soube o nome depois do Capitão Neves. Pediu o revólver de um dos policiais, porque eu acho que o dele era uma pistola, me mostrou, pôs uma bala no tambor, rodou o tambor, era a tal da roleta russa, e por três vezes encostava na minha cabeça e puxava o gatilho, se escutava só o botão da arma. Isso aí é uma tortura psicológica muito forte, permanecendo ali por uma hora, duas horas ou mais que isso. Me retornaram ao quartel, também fui levado à casa do Stroessner e lá eu conheci o famoso pau de arara. De tanto me baterem, um dos momentos que de tanto me bater o capuz caiu um pouco da minha cabeça, onde eu pude ver claramente a imagem da Dra. Anésia, pessoa que eu conhecia, pessoa que estava sempre na casa do Seu Aldo, da família Abagge. Em festas, aniversários, finais de ano ela estava sempre ali, era convidada. E como foi relatado, ela morava sozinha, parece que em algum tempo morou uma irmã dela com ela; sempre estava sozinha, e a casa do Seu Aldo era aberta para todos, tanto para autoridades como pessoas humildes, também sempre frequentaram a casa do Seu Aldo, bebiam o que ele bebia, comiam o que ele comia. O Seu Aldo alcançou, não por estar morto, a pessoa que tinha um coração enorme. Fiquei ali em Matinhos praticamente até segunda ou terça, fui levado domingo à noite à casa do Stroessner dentro de um porta mala, encapuzado. A cidade era pequena, eu conhecia todas as esquinas e todas as lombadas da cidade. Eu sei que chegou em Guaratuba, passou o *ferry boat* e se dirigiam à casa onde morava a Dra. Anésia; era na Vicente Vieira, eu lembro muito bem. Entraram com o carro na calçada de uma casa, desceu algum policial do carro, voltou e falou assim 'É para nós ir indo, que a Dra. vai depois'. Saindo dali, pela lombada, pelas curvas, pelo trajeto, fomos até a casa do Stroessner; era fácil de eu reconhecer onde eu estava indo, aí me encapuzaram dentro do porta mala. Não

fui levado a Cubatão na chácara do Diógenes, chamada pelo pessoal de Cubatão, hoje que a gente conversa com eles, como a 'Casa Fantasma', porque se ouvia muito grito no dia, o pessoal conta, muito grito, muita algazarra e muitos policiais lá. Dali, fui levado no dia sete – data inesquecível, que é aniversário da minha esposa – fui levado a Curitiba e ali fui levado a uma Delegacia da esquina, que depois fui saber que era DSI. Desceram nós – eu e o Sérgio, estávamos eu e o Sérgio –, desceram em um porão, onde tinha várias celas pequenas sem cama, sem nada, sem ventilação, não tinha nenhuma janela, nada, algumas lâmpadas fracas. Um dos policiais conversando com eles falou 'O que eles estão fazendo aqui? Aqui é Delegacia para prender policiais que estão sendo investigados'. Durante a tarde, no final da tarde levaram nós para cima da sala de imprensa, onde eu e o Sérgio demos entrevista, sempre negando, porque não tinha feito nada, mas o que é negado não interessava, infelizmente, nem às autoridades e nem à imprensa, então não era publicado nada. Sempre induzindo nós a respostas que nós não tínhamos feito nada daquilo, mas sempre induzindo a falar o nome da Dona Celina e da Dona Bea, querendo que nós talvez incriminassem elas, uma coisa que provavelmente e com certeza ninguém tinha feito isso. Desculpe um pouco o meu estado, eu tenho sessenta anos, meu estado emocional até hoje pesa muito, então a gente se perde um pouco. Até esses dias atrás, há tempos atrás eu não falava, eu não comentava nem com a minha família sobre o caso, porque a dor permanece até hoje. Eu sempre falei que a tortura, ela só deixa marcas no coração e na alma do homem. Conversando com a Bea ultimamente, nos últimos meses, considero ela uma guerreira, porque ela toda a vida lutou, ela conhece todo o processo em si, eu não queria saber do processo, não queria saber de nada disso. Fiquei por uma semana ou duas, e em um sábado às 10 fomos levados, eu e o Sérgio, para dentro do Ahú. Um sábado à tarde, onde tivemos acareação com o Osvaldo, Davi e o de Paula, e lá o Cioffi e o próprio Favetti, pessoas, estavam ali, autoridades espalhadas, só não sei o nome, não recordo o nome também. Um dos relatos do Osvaldo, um deles falou que eu segurei no ombro da criança e depois saiu para fora. No segundo relato, talvez do De Paula, falou que eu segurei nas pernas e eu falei 'Dr. , está vendo a mentira? O Senhor pode me soltar'. Mas isso não interessava para eles, porque no sábado à tarde, quando eu estava em Matinhos ainda, estava almoçando no refeitório algemado, e um dos policiais perguntou o nosso nome e CPF e comentou 'Se vocês não tiverem mais nenhum B.O., vocês vão embora daqui a pouco', mas logo depois chegaram pessoas de Curitiba fardados com bastante distintivos no braço, que a gente olha os distintivos, porque eu não sei o que é Sargento, mas olha aquela farda, pessoas importantes da polícia e da justiça e comentaram 'Fica esses dois mesmo, já está completado os sete'. Desculpe, eu me perco um pouco, porque a parte emocional está bem pesada mesmo. Dias depois, eu fui levado para dentro do Ahú, passei pelo COT, fui levado para o Ahú. Chegando ali no Ahú, fui colocado em um cubículo, uma pessoa que nunca passou por uma Delegacia, nunca teve processo ou acusação

nenhuma. Você pensa em morrer, você acha que ali você vai morrer, mas felizmente os primeiros que nos deram ouvido foram os encarcerados, os presos, e Osvaldo. E eu sempre digo, e a Bea, que os primeiros que nos absolveram foram os presos. Ali tivemos apoio, eles falaram para nós ‘Os caras não podem te bater, não podem te zoar’, mas assim mesmo vinham na porta da cela, na portinhola, e diziam ‘Esse é o bruxo, vocês podem matar, vocês podem bater, não dá nada’, e ofensas, ofensas morais. Eu até comentei com a Bea, nunca comentei nem com a minha esposa, diziam ‘Você era amante da Dona Celina’. Eu tinha minha mãe viva, mas eu tinha ela como uma mãe, uma pessoa de boa índole, também tenho meus princípios morais e religiosos, ofensas e xingamentos. Então, todo esse tempo a gente passou, eu passei quatro anos, dois meses e quinze dias dentro do Ahú. Os primeiros seis meses que estava preso, passei por uma rebelião, foi na virada de ano que teve uma rebelião. Graças a Deus, de preso eu nunca levei um tapa, nunca levei uma ofensa. Mesmo aqueles que acreditavam que a gente tinha feito nunca nos ofenderam fisicamente ou moralmente. A ofensa vinha da parte de alguns dos guardas, dos agentes penitenciários. O Dr. João na época era o Chefe de Segurança, às vezes chamavam a segurança para conversar comigo, ele tinha ouvido a acareação e ele dizia assim ‘A gente sabe que você é inocente’. Recebi muitas visitas do próprio pai do Leandro Bossi, recebi a visita de Dom Pedro Fedalto e do Frei Miguel dentro do presídio, onde me recordo até hoje o Dom Pedro Fedalto ‘Meu filho, por que você está preso ainda?’. E eu disse assim ‘O Senhor fala isso hoje, hein sua eminência; na época, o Senhor mesmo nos condenou’, e ele falou assim ‘Eu estava em Rio Claro’ – acredito que Estados Unidos – ‘e tive que dar um depoimento, mas hoje eu tenho certeza que vocês são inocentes’. Me deu um forte abraço. O que eu tenho a relatar e a dizer, eu saí depois, fiquei mais dois anos em domiciliar, perdi meu pai nesse meio tempo, perdi minha mãe, fui morar em Garuva, porque minha esposa estava grávida da minha primeira filha, ela tinha comércio lá. Sempre tive muitos amigos lá e meu cunhado tinha uma loja. Eu estava em prisão domiciliar e tinha uma loja no mesmo prédio que eu estava em prisão, então eu descii pela escada e me deu um serviço de balcão em uma loja de material de construção para eu poder tentar sustentar minha família. Eu tinha junto dos meus irmãos, e sinceramente eu não sou rico, mas são trabalhadores. Eu lutei toda a minha vida, mas tinha medo, não tinha coragem de encarar, de responder ou de ver uma reportagem no processo, porque era uma ofensa, era mágoa. A gente se perde um pouco no relato, porque eu vim para Guaratuba com seis anos, me criei em Guaratuba, cidade pequena, tive e tenho muitos amigos. Conheci o Diógenes porque o pai dele foi Prefeito, a mãe dele foi professora nossa; a minha mãe era funcionária pública do Estado, zeladora de grupo escolar, trabalhava com a dona Irene, meu pai era pedreiro. E o Diógenes é uma pessoa meio desequilibrada por atos que fazia com animais, com gato, maus tratos, ofensas à mãe dele e à esposa dele. Conversei com ele na época pelo seguinte: porque o terreno da serraria do Mirim, do lado direito, era

um terreno dele que tinha uma casinha onde ele guardava as tralhas de pesca, coisas, acho que barco, coisas assim. E do lado esquerdo tinha um outro terreno, fora o terreno da serraria que era do Seu Aldo, e também foi feito uma casa de madeira para também guardar coisas da serraria, serras, máquinas de manutenção, máquinas velhas. E a serraria era um retângulo enorme onde só a parede do lado esquerdo era propriamente fechado de alvenaria, os outros três lados eram abertos, então a serragem, o vento jogava diretamente para o terreno e para a casa do Diógenes. Então, ele propôs trocar com o Seu Aldo, fazer negócio (**ÁUDIO INAUDÍVEL**) do lado esquerdo, e o Seu Aldo com o terreno do lado direito, onde tinha uma casa pequena – que essa casa mais tarde o Seu Aldo deu para funcionários morarem dentro, funcionários que não tinham condições de pagar aluguel moravam ali dentro. Tinha um muro sim, mas o portão foi feito muito tempo depois disso; na época não tinha portão, não tinha nada. No dia seis, onde existe a acusação, eu fui a Paranaguá. Nós tínhamos vários motores elétricos, mais de vinte e sete funcionando, máquinas com dois motores, então queimava e levava para rebobinar. Eu fui na segunda, levei os motores para rebobinar; minha esposa foi à Garuva meio-dia, de ônibus, levou minha filha que morava lá, e ela participava do Grupo Carismático de Garuva, que até hoje é toda segunda-feira na Igreja. Eu voltei de Paranaguá, fui direto a Garuva buscar ela; cheguei lá, fiquei até umas nove, dez horas da noite, onde eu retornei para Guaratuba. Na terça-feira à tarde, voltei a Paranaguá novamente com a minha esposa, minha irmã e meu sobrinho, onde fui buscar os motores rebobinados; foi comprado pneu para um carro do meu sobrinho; fomos no Mercado Municipal comer pastéis, onde lá eu encontrei amigos também de Guaratuba, que também infelizmente não serviram como testemunha minha, porque as testemunhas que foram arroladas nenhuma servia, nenhuma prestava, nenhuma era de confiança, e o processo todo ele foi montado em cima de mentiras. É uma pessoa que hoje está na cidade, Diógenes Caetano dos Santos Filho, que o nome dele é citado em todos os relatos. Uma pessoa que muito sabia e muito viu, não foi investigado, não foi procurado saber onde ele conseguiu tantas informações, porque uma pessoa que sabia tudo que ele sabia no mínimo era um coautor de um processo desse. Onde ele enganou parte da população de Guaratuba, porque muitos de Guaratuba sempre acreditaram na inocência de todos, enganou a própria justiça, injustiça que seja, a própria polícia enganou. Enganou a própria família Ramos, que é a família do Evandro, e nunca foi investigado, nunca foi inquirido, sendo que era público e notório a rixa dele política com a família Abagge, com Aldo Abagge, porque ele tinha pretensões políticas e foi provado isso, porque ele foi candidato a Vereador logo depois, ele tinha pretensões políticas. Nesse processo todo, dos sete, eu sempre conheci sempre muito bem a Dona Celina e a Bea. O Sérgio eu conhecia, não tinha amizade com ele, tinha amizade, mas não tinha convivência com ele; conhecia o Osvaldo, que eu conversei com ele uma, duas ou três vezes no máximo. Eu era Delegado do PDT, na época um partido político, e o Osvaldo, foi

comentado que ele teria pretensão de lançar ele como candidato a Vereador nas próximas eleições; o Davi e o De Paula eu nunca tinha visto na minha vida, nunca tinha conversado com eles, e esse relato era ano eleitoral. O Seu Aldo tinha como intenção lançar a Dra. Denise, se não me engano era uma médica aqui, a secretária dele, se não me engano, como candidata a Prefeita. Não seria pelo PMDB, onde eu acredito que gerou mais revolta na parte política governamental do Paraná, e já existia a rixa do Governador e Aldo Abagge, uma pessoa que sonhou em ser Prefeito e o sonho dele era ser Prefeito, não tinha necessidade financeira de ser candidato a Prefeito, ele tinha meios próprios de sobrevivência, era uma das maiores indústrias em Guaratuba na época, onde gerava sessenta e poucos empregos diretos e mais trinta, quarenta empregos indiretamente. Nós tínhamos um único cliente, que nós fornecíamos toda a nossa produção para a Faber-Castell de São Carlos, no Estado de São Paulo. Então, existia essa rixa forte do Diógenes contra o Abagge; então todo um processo montado em cima de mentiras. Como todo mundo diz, qualquer leigo que pegar o processo e ler o processo já vê que foi uma grande farsa, uma grande mentira, tudo isso, então o que eu peço e o que eu acredito, que eu tenho fé que esse Grupo de Trabalho consiga chegar nisso. Porque eu não peço a verdade para os sete; a verdade tem que ser para os nove, tem mais dois pais de crianças desaparecidas que estão até hoje acreditando em uma mentira, quer dizer, a família do Evandro até hoje acredita na mentira, então a verdade não é sobre os sete, a verdade é para as nove famílias. Graças a Deus o pai do Leandro abriu o olho antes, foi procurar a verdade, a verdade mesmo, não acreditou. Tentaram iludir ele com a mesma história, tentaram jogar o crime de Leandro em nossas costas também, mas graças a Deus o falecido João Bossi teve a coragem de procurar a verdade por si, porque houve denúncias de Diógenes, do Euclídio, coisas que não foram investigadas, que o Dr. Luiz Carlos falou que tinham depoimentos fortes. Isso não foi levado em conta, quer dizer, eles tinham tudo que eles queriam, eles tinham os sete acusados, tinham os setes milhões, tinham sete anos, dia sete. O que eles queriam mais? Conseguiram destruir a grande pessoa que foi em Guaratuba, Aldo Abagge, a família Abagge, um dos pioneiros de Guaratuba, uma pessoa que toda vida o que ele investiu, o que ele produzia era por Guaratuba e para Guaratuba, a cidade pequena (**ÁUDIO INAUDÍVEL**) e cidade litorânea nunca vai se instalar grandes indústrias. Não tem potencial, não tem matéria prima, não é em área boa para isso, para transporte, para porto, para nada, então prejudicaram sete famílias, dos sete acusados, as famílias das crianças desaparecidas e um sonhador que foi para Guaratuba, que hoje eu comento com alguns amigos, Guaratuba deve muito para Aldo Abagge, Guaratuba deve muito, porque fez o Aldo Abagge. Então, eu peço desculpa novamente, eu fui preso com trinta e um anos, eu tinha uma saúde muito boa, hoje eu sou cardíaco, tenho o coração grande, a idade já não ajuda em muita coisa, já começa a aparecer as dores, as deficiências, mas eu ainda tenho quatro filhos, uma do primeiro casamento e três do segundo casamento, uma menina e gêmeos, dois meninos de

nove anos hoje. Hoje graças ao Ivan, graças ao Aly, e agradeço sempre a Bea também pela luta, que eu sei hoje que ela nunca desistiu de lutar, de mostrar a verdade. Eu tenho esperança que meus filhos ao menos a verdade eles puderam ouvir, ao menos a verdade. A gente recebe muito apoio de muitas pessoas. Segunda-feira uma representante – eu trabalho no ramo de material de construção, eu sou empregado de uma loja – e chegou uma representante, uma vendedora e falou ‘Vocês têm fãs em Portugal; meus filhos moram lá e mandaram um abraço muito forte’. Pena que a Globo não tenha lançado essa minissérie em canal aberto, porque o Dr. Ney assistiu e tirou a sua conclusão e graças a Deus abriu esse Grupo de Trabalho. Muitas outras pessoas, que não têm condições ou não têm interesse em instalar o Globoplay, não têm acesso. Então, hoje a gente vive assim; muitas pessoas sabem que a gente é inocente, acreditam na nossa inocência, mas muitas pessoas ainda não tiveram acesso à minissérie, ao *podcast* ou até mesmo ao Grupo de Trabalho de vocês. Eu sou um assíduo, toda quarta-feira ou na quinta eu assisto. Eu assisti todas as semanas com vocês, então eu acredito que, perco as palavras, mas acredito que vocês podem fazer muita coisa por nós. Porque ouvindo ali na semana do Dr. Paulo; eu fui a júri em 2005, fui absolvido, cinco votos d dois, eu estava na antessala quando chegou o Capitão Neves, chegou com uma escolta da Polícia Militar, com algema. No meu júri foi colocado à minha frente, ele foi inquirido pelo Juiz ou pelo Promotor se ele lembrava dos dois rapazes, que era eu e o Sérgio, e ele respondeu com aquela cara – eu chamo de rato, desculpem a ofensa, até a própria família dele – que não, que devido a prisão ele estava muito debilitado, estava tendo muitos problemas. Mas na época que ele nos torturou, nos bateu, nos deu choque, ele tinha muita saúde. Então, eu fico sem palavras. Eu só peço a Deus e às pessoas que têm o poder e consigam enxergar a verdade em tudo isso, e procurem imparcialmente ver a verdade nisso, porque é uma verdade que existe só, não o que o Dr. Paulo falou no depoimento dele, como pessoa e não como Promotor, que ele acreditava que o Osvaldo e o De Paula tinham feito aquilo. Ele nunca na vida dele como Promotor podia expressar a opinião própria dele em público, mas foi um grave erro dele, um gravíssimo erro ele falar isso aí. Ele está acusando atualmente duas pessoas, uma que não tem mais direito de se defender, que não está mais entre nós, então ele, como uma autoridade judicial, ele nunca podia expressar a opinião dele própria em público igual ele expressou junto a vocês. Eu peço desculpas, eu estou pronto a qualquer resposta”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Muito obrigada. Nós agradecemos e percebemos aqui, acolhemos a sua emoção, enfim, retomar toda essa história é de fato bastante doloroso, e por isso mais uma vez esse Grupo de Trabalho agradece pela confiança depositada. Nós temos sim o propósito coletivo aqui de, a partir dessa história vivida por todos os nossos convidados, apontarmos realmente estratégias e recursos, programas, projetos, ações que possam evitar que isso aconteça novamente com outras pessoas. E o diálogo, nosso espaço para que esse momento, esse dia de

escuta de vocês fosse parte do nosso trabalho justamente mostra a intenção que esse Grupo tem de podermos dar voz a todos os envolvidos, ou pelo menos aos envolvidos mais diretamente. Infelizmente, nessa triste história para as crianças que desapareceram, para as famílias das crianças, para as famílias dos Senhores e Senhoras e para todos os Senhores e Senhoras que estão aqui. É um esforço coletivo interinstitucional para que a pauta dos direitos humanos seja uma pauta vivida por todas as pessoas no Paraná e que elas alcancem todos os direitos humanos de que somos todos portadores. Que essa é uma garantia historicamente conquistada por todos nós brasileiros e são garantias pelas quais nós realmente envidamos nossos esforços, sonhamos e acreditamos que um país melhor é possível. Por isso nós estamos todos aqui hoje ouvindo e acolhendo a história, o relato dos Senhores com muito respeito e também com muita emoção, porque a nossa intenção é reconstruir uma história melhor para as nossas gerações futuras. Nós agradecemos então o relato de todos os nossos convidados. Me desculpo com o Grupo de Trabalho, realmente extrapolamos o nosso horário então previsto, mas de qualquer forma pergunto ao Luan até que horas temos a sala aqui disponível. Até as duas horas é o nosso tempo limite, porque a sala será utilizada na sequência para outra finalidade. Então, desde já eu abro o espaço para alguma pergunta, alguma questão que o Grupo de Trabalho tenha a fazer aos nossos convidados. O Dr. Marcel, que representa o COPED, Conselho Estadual de Direitos Humanos”. **8. Perguntas dos membros do GT: MARCEL JERONYMO LIMA OLIVEIRA** fala: “Boa tarde a todos e todas, saudando mais uma vez os colegas que compõem aqui esse importante Grupo de Trabalho, também mais uma vez saudando o Secretário Ney, por ter nos chamado para participar desse processo. Queria rapidamente aqui, na condição de Presidente em exercício do Conselho Estadual de Direitos Humanos, ratificar para os convidados da manhã e tarde, de fato que os fatos que criam essa teia que é o Caso Evandro, e os demais congêneres que estão na mesma situação, para a gente estar de maneira muito simbólica, e é esse o objetivo deste GT, se desvelando cada vez como positivo esse espaço, no sentido de que a gente está de fato buscando apontar para frente caminhos que a gente pretende que não ocorram mais no sistema de justiça, no sistema de segurança pública e nem no sistema de justiça. A gente entende que a polícia tem o dever de proteger a sociedade, o sistema de segurança tem esse dever, o sistema de justiça tem especificamente o dever de encontrar a verdade real, e nesse sentido os casos aqui mais uma vez trazidos por todos os convidados, inclusive me solidarizo especialmente com a família Abagge, também com o nosso colega que está aqui presente presencialmente, porque tortura não pode ser jamais acolhida. Minha fala vai ao encontro de dizer apenas que vai ser o desafio nosso, que esse GT, e aí faço essa referência direta aos convidados, que casos como o de vocês não possam mais acontecer, que são esses mesmos casos que aconteceu com a família política na cidade de Guaratuba, mas que infelizmente são esses mesmos casos que acontecem

com a juventude periférica, preta, favelada do nosso país, constantemente, no qual um sistema de justiça busca encontrar culpados, culpadas, encarcera essa população e todo um processo judicial é construído para manter essa população presa, encarcerada dentro do sistema já super abarrotado de pessoas humanas. É justamente para evitar isso que eu acho que esse GT tende a encontrar recomendações e soluções para o fim. Infelizmente, eu só faço essa fala toda para infelizmente dizer para os Senhores e Senhoras, que me parece que enquanto Conselho de Direitos Humanos, enquanto GT, que esse GT não vai ter a função de revisão processual – e aí que com toda certeza vocês estão contando com assessoria técnica jurídica para buscar o tribunal competente, o espaço competente, que é o tribunal para buscar eventuais indenizações, revisões, algo nesse sentido – mas que agradeço aqui e até reforço, na condição atualmente exercendo a presidência do Conselho Estadual de Direitos Humanos do Estado do Paraná, a coragem de vocês poderem ter vindo até aqui e o compromisso que de fato situações no qual um sistema de justiça e sistema de segurança acolhe possíveis culpados ou melhor indiciados, possíveis suspeitos, e tratam dessa maneira, é um sistema de justiça que a gente repudia totalmente. Eu estive inclusive essa semana que passou acompanhando a *live* do Tribunal Popular Internacional, que um dos temas, inclusive, que a gente está tratando naquele espaço, é caminhos para reformular o sistema de justiça brasileiro. Do jeito que está realmente não dá para continuar, porque se uma vida, uma vida, uma pessoa é condenada injustamente, a gente está falando de uma vida que foi violada, e essa vida nos importa. Essa vida que a gente quer domiciliada, população de rua, são os LGBTI que a gente quer que não sejam subjugados na sociedade, a população que vive com deficiência, que também tem direito a acesso e também pessoas sem liberdade, encarcerada também é uma população que a gente também defende nesse sentido. Se for culpado, que esteja em ambiente devidamente adequado para se estar, sem tortura, sem tortura jamais; e se não houver culpa, não tem porque ser de fato capturado por esse sistema na busca de se fazer justiça a qualquer preço. Isso não existe. Fique a minha palavra de solidariedade e peço desculpa por estar a quatro, cinco minutos falando, mas realmente queria deixar essa posição saudando os convidados e convidadas, e minha total solidariedade à história de vida de vocês. O Conselho também fica à disposição para o que for necessário e o que vocês tiverem de fato necessidade para que a gente possa colaborar. Muito obrigada a todos e todas. Não tinha uma pergunta, era mais uma consideração mesmo, diante dessas falas tão emotivas que tivemos hoje”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Obrigada, Marcel. Importante as suas colocações e mediações. Agradeço pela representação do COPED. Temos vários conselheiros do COPED compondo o Grupo e sempre muito validadas as manifestações do nosso Conselho Estadual de Direitos Humanos – aliás, o mais antigo Conselho sob a nossa coordenação. Na sequência, então, a inscrição do nosso colega Marques”. **CLÁUDIO MARQUES ROLIN E SILVA**

fala: “Boa tarde a todos e a todas. Eu cumprimento o Seu Davi, Senhor Osvaldo, Senhora Celina, Beatriz, Airton Bardelli. Esse relato hoje aqui só serviu para mostrar que a minha luta não é em vão e que, embora as críticas que eu tenha sofrido ainda ontem, logo em seguida eu compareci a um presídio para visitar uma pessoa, engraçado que ela repetiu a mesma frase acho que da Beatriz ‘Dr. Marques, eu só pediria uma coisa para o Senhor, peça para os Desembargadores que leiam o processo’. A pessoa só pediu isso, e ela disse uma coisa ‘Eu suporto todos os anos de prisão injustamente aqui, mas me deixem pelo menos falar com a minha esposa’, porque eu vi uma judicial inédita, proibiram o preso de ter contato com a esposa. Eu sempre alertei os Delegados de Polícias, os policiais, que tudo que a polícia permite que se faça com o cidadão comum, um dia vai ser praticado contra os policiais, porque servidores do Poder Executivo, todos nós que estamos aqui, não temos nenhum tipo de proteção. Tem um projeto, Innocence Project, em São Paulo, que eles aceitam as denúncias, mas desde que a pessoa não tenha advogado, e eu falo uma coisa para todos aqui, quando ocorre um erro judiciário, a presença do advogado é mera forma. A vítima de erro judiciário, a Senhora Celina, ela diz que acreditava que ela ia chegar na zona rural e alguém ia socorrê-la. Dona Celina, a vítima de erro judiciário no Brasil, ninguém socorre, não tem quem a socorra, é um ser processual indefensável pelo modelo de sistema de justiça que nós temos. Para ter uma ideia, para evitar perseguições, para evitar intimidações dentro da própria instituição, nós tivemos que montar uma Comissão de Direitos Humanos, formada por policiais com base em uma resolução da ONU, uma resolução internacional para poder receber denúncia e apurar casos de erros judiciários. Então, esse trabalho, e outro detalhe, eu não tenho dúvida alguma sobre a tortura, não tenho dúvida alguma e eu vou dizer por que, porque esse mesmo grupo – eu só não posso citar o nome dos policiais aqui, porque até hoje eles temem retaliações – esse mesmo grupo foi autor de sequestro e tortura dos próprios policiais. Isso eu estou sabendo, que está ficando registrado em ata, porque eu quero que esses policiais vejam que eu me lembrei deles aqui, embora eles tenham me proibido de dizer o nome deles, porque eles temem retaliações. Isso que a Dona Celina, a Beatriz, o Davi, o Airton Bardelli, o Senhor Osvaldo, tudo isso que os Senhores trouxeram aqui, policiais foram vítimas desse mesmo grupo, com os mesmos métodos. É por isso que eu sou contra essa questão de força tarefa, eu sou contra esse negócio de se juntar autoridades para fazer investigações. Cada qual tem que cumprir rigorosamente a sua missão constitucional e somente essas coisas. A questão do Ivan Mizanzuk me dói o coração quando eu vejo alguém tecer algum tipo de crítica ao trabalho do Ivan Mizanzuk, me dói o coração, porque foi o trabalho que despertou pela primeira vez a necessidade de trazer um grupo de discussão fora dos tribunais dos palácios, porque se não fosse também a continuidade do Secretário, a ideia do Secretário Ney Leprevost de montar este Grupo de Trabalho, se passariam três meses e a minissérie já teria sido esquecida diante de tantas informações que a gente recebe.

Eu vou insistir sempre para que esse Grupo de Trabalho seja transformado em Comissão Permanente. Nós temos que trazer casos recentes do que está acontecendo no nosso país, do que está acontecendo no sistema de justiça e que conseguimos esconder, mascarar dentro dos tribunais, dentro dos corredores dos tribunais, e essa discussão não é questão aqui, não estou aqui para, eu já comentei isso desde o começo, até comentei com o Senhor Davi quando ele chegou, estávamos conversando aqui 'Senhor Davi, eu sou Delegado de Polícia, mas eu estou aqui porque eu quero ouvir a verdade, eu quero saber a verdade. Eu não estou aqui para defender a instituição A, B ou C ou defender o sistema. Se o sistema é falho, tem que ser corrigido, custe o que custar'. Então, Senhores, as práticas da tortura para obter delações de confissões infelizmente elas só foram aperfeiçoadas, continuam o mesmo. Enquanto nós estamos aqui nessa sala, já são treze e trinta, tem muitas pessoas inocentes recebendo aquelas mensagens 'Você quer ir para a casa? Você quer cuidar do seu filho? Você quer ver a sua esposa? Faça a confissão, faça a delação', e isso, Dr. Rafael, Dr. Olympio, eu tenho um nome para esse tipo de conduta, de prender para investigar, prender com base em hipótese de investigação, que no caso aqui essas prisões foram feitas com base na hipótese de uma investigação, não havia indício nenhum, nenhum, nenhum. Eu tenho um nome para isso, a prisão por forçar confissão e delação só tem um nome: tortura. Não tem outro nome, embora não se use mais a maquininha, embora não se use mais o afogamento, isso continua sendo tortura. Eu quero dizer aqui para todas as pessoas presentes, pela experiência que nós temos aos longos dos anos de lidar com fraude processual e erro judiciário, eu quero dizer que eu acredito, eu, Delegado Marques, acredito plenamente que os Senhores foram vítimas de um grave erro judiciário e que sofreram torturas, que à medida que a Dona Celina estava comentando, me passava a imagem da minha filha e do meu filho. Eu escondi o rosto várias vezes, porque eu ficava imaginando o que eu faria também no lugar se tivesse o meu filho e a minha filha. Eu confessaria qualquer tipo de crime, qualquer tipo de crime. Então, eu entendo perfeitamente quando se fala que 'Um laudo inconclusivo não significa que seja negativo'. Meu Deus, um laudo inconclusivo não serve para absolutamente nada. Essa realidade que a gente tem que trazer. E eu quero trazer já uma boa notícia: nós estamos preparando uma Cartilha de Orientação Unificada, onde nós criamos o Ciclo Integral de Verificação de Evidência, para que mesmo o juiz, quando não entender muita coisa a respeito de investigação, ele verifique que as diligências não foram realizadas em sua integralidade, porque isso é o método hoje de investigação muito reprovável. Não se esgota as diligências, o Ciclo Integral de Verificação de Evidência, e pede a prisão das pessoas com base em meras hipóteses, e estampa elas nos jornais, porque sabe que hoje em dia a mídia é praticamente um decreto de morte para quem é acusado, assim como sofreram todos os acusados aqui em matéria de trabalho, em matéria de tudo, de profissão depois que saíram daqui. Então, fica esse registro. Eu acredito na inocência dos sete e tenho plena convicção,

em virtude de que esses mesmos atos já foram praticados contra policiais, que os Senhores e Senhores sofreram torturas e torturas terríveis. Era essa a minha fala. Muito obrigado”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** continua: “Obrigada, colega Marques. Pergunto aos componentes do Grupo de Trabalho se há mais alguma pontuação, algum destaque ou alguma dúvida que os participantes aqui do Grupo tenham a dirigir aos nossos convidados. Ok, então, uma vez então que não temos mais nenhuma contribuição dos demais membros do Grupo de Trabalho, eu encerro as nossas atividades de hoje já solicitando que a equipe técnica organize uma agenda posterior para que façamos os destaques dos relatos de hoje, como já de praxe, como método de trabalho do Grupo, e agradeço imensamente o tempo disponibilizado pelos nossos convidados, pela coragem, a sensibilidade como trouxeram temas tão delicados de suas vivências para o âmbito desse Grupo de Trabalho. Agradecendo a confiança e ao respeito, e aqui assumo o compromisso de que quando o relatório estiver concluso, nós enviaremos a cópia do relatório aos Senhores para ciência e para conhecimento do que então foi produzido por esse coletivo. Também nos colocamos à disposição para assuntos ou outras informações que os Senhores quiserem enviar ao Grupo já pelo contato com a Ana Vitória, com o apoio técnico que os contactou anteriormente. Agradeço pela presença de todos e desejo que tenham uma semana profícua e também mais tranquila. Um grande abraço”. **9. Encerramento: Angela Christianne Lunedo de Mendonça** agradece a todos os presentes e encerra o décimo segundo encontro do **GRUPO DE TRABALHO – CASO EVANDRO: APONTAMENTOS PARA O FUTURO**. Ata redigida por Ana Vitória Naumann e revisada por Eloise Zanon Garcia.